

MINHA AMIGA IA

UM ROMANCE DE
JOSIAS PEREIRA

Editora Rubra Cinematográfica

MINHA AMIGA IA: Escrito por Josias Pereira

Copyright © 2024 Josias Pereira

Capa: Rogério Peres

Diagramação: Josias Pereira

Revisão: Eliane Candido

ISBN: 978-65-87148-11-3

Editora: Rubra Cinematográfica

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios — tangíveis ou intangíveis — sem o consentimento escrito dos autores.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Pelotas 2024

Sumário

IA Brasileira - Abusada e Autêntica!.....	5
Maria Eugênia	6
José.....	8
Jurema.....	Erro! Indicador não definido.
 A Lenda de Dona Clara, a Heroína.....	 11
 Maria Eugênia e Jurema	 13
 A Escola - O Aprendizado da Vida	 22
 Se Descobrimos	 32
A Coragem que Vem do Conhecimento.....	37
O Contragolpe	41
Compreendendo a Vida	57
Empoderando-se da Verdade	70
Democracia e Representatividade	80
Quando o invisível se torna visível.....	86
 Fim ou Quase	 98

PREFÁCIO

Oi pessoal, tudo bem? Neste livro "**Minha Amiga IA**" conto a história em torno de Maria Eugênia, uma garota de 13 anos, e sua amiga Jurema, a primeira inteligência artificial brasileira. A narrativa descreve como Maria Eugênia desenvolve uma amizade inesperada com Jurema e como, através dessa amizade, ela e seus amigos exploram as diversas funcionalidades da IA, como educação e aconselhamento para a vida. No entanto, Maria Eugênia percebe que, embora a IA possa oferecer orientação, ela mesma deve percorrer seu próprio caminho.

A história também aborda questões éticas e morais relacionadas ao uso da tecnologia por jovens, incentivando a reflexão sobre o impacto da inteligência artificial na sociedade. Maria Eugênia, em sua jornada de descoberta, representa o processo de crescimento e aprendizado que todos enfrentam na vida.

"**Minha Amiga IA**" é uma obra de ficção que narra a vida de uma menina de periferia de 13 anos e seu desenvolvimento e mudanças com a ajuda de uma IA. A obra destaca a importância de educar as crianças sobre a inteligência artificial e seus efeitos na sociedade. Através de uma narrativa envolvente, o livro estimula a curiosidade e a reflexão crítica, ajudando a formar indivíduos mais conscientes e preparados para enfrentar os desafios da tecnologia no mundo contemporâneo. É uma leitura recomendada para adolescentes e pais que desejam entender melhor a relação entre IA e sociedade.

Boa leitura
Josias Pereira
Pelotas, 2023

IA Brasileira - Abusada e Autêntica!

Em um dia comum na pequena cidade brasileira de Ubuntuá¹, localizada no interior da Bahia, encontramos nossa personagem, uma adolescente de 13 anos que vive em um quilombo. Após a aula na escola, ela voltou para casa e, como de costume, jogou a mochila na cama de forma automática antes de sair para ver o pôr do sol, para desfrutar da tranquilidade e da conversa junto à sua família. Nessa cidade, as redes sociais ainda não haviam conquistado todos, devido à internet lenta, que atendia apenas a um grupo privilegiado da região.

Enquanto jogava a mochila, Maria Eugênia – nossa personagem – ouviu um som diferente vindo de perto. Intrigada, ela se aproximou para investigar. No chão, encontrou um pacote quadrado que não fazia parte de sua rotina, o que despertou sua curiosidade. Com um movimento simples, Maria Eugênia desembulhou o pacote e se deparou com uma caixa quadrada, equipada com uma placa solar na parte superior, que parecia um rádio. Ela notou que não havia botões aparentes, mas a tela era maior que a de um celular, lembrando-lhe um tablet. Maria Eugênia ficou perplexa quando, de repente, a misteriosa caixa falou:

— Olá, meu nome é Jurema. Sou uma inteligência artificial brasileira, e estou aqui para ser sua amiga e aprender com você sobre a vida. Já sei que o seu nome é Maria Eugênia. Como você está?

Maria Eugênia ficou atônita... por um momento largou o objeto, e então correu para o pátio de sua casa, onde seus familiares estavam. Ela estava radiante e gritou:

— Mãe!? O pai me deu um rádio que fala comigo!

Seu pai, sentado no pátio enquanto tomava tereré, riu da empolgação da filha e explicou:

¹Existem vários boatos sobre o significado do nome, que é africano e indígena, mas o mais usado é que a palavra significa 'se nada faço, nada crio'. Isso sugere a ideia de que a criatividade e a capacidade humana de inovação podem transformar situações vazias ou desafiadoras em algo valioso e significativo.

— Oi, filha! Não é um rádio, é a Jurema, uma inteligência artificial brasileira. A universidade está testando-a aqui na cidade, e você é uma das primeiras a experimentar. É como se você fosse uma pioneira, alguém que vai ajudar os professores e pesquisadores a verificarem se a Jurema funciona bem.

— Que legal, pai! E o que ela sabe?

O pai de Maria Eugênia respondeu com entusiasmo:

— Acho que ela sabe de tudo! Mesmo sem internet, eles carregaram todas as informações nela com conteúdos da web.

Maria Eugênia ficou maravilhada com a ideia de ter uma amiga tão especial e correu de volta ao quarto para explorar Jurema e descobrir mais sobre essa inteligência artificial.

Prezado leitor, agora que você tem uma noção do que a história se trata, vamos conhecer um pouco mais sobre os personagens?

Maria Eugênia

Maria Eugênia adora a cidade de Ubuntuá. Com seus seis mil habitantes, é uma cidade pequena, mas dinâmica, abrigando um polo industrial e uma respeitável universidade pública. O comércio local e a agricultura sustentam a economia da cidade, que prospera graças a essas atividades. Maria Eugênia é filha de José, um feirante da cidade, além de ser um excelente cozinheiro. Sua família vive em um bairro humilde, mas isso nunca a incomodou. Alguns chamam o novo bairro de quilombo de forma pejorativa. Em uma cidade pequena como Ubuntuá, todos se veem como iguais, pelo menos à primeira vista. Ela nasceu ali e nutre um profundo amor por tudo o que na cidade, desde as pessoas amigáveis até o pôr do sol espetacular, que ela considera um dos mais belos do país, mesmo só conhecendo este. Sua paixão por capturar esses momentos em fotografias resultou em uma linda coleção de fotos que ela guarda com muito carinho.

O que mais a fascina é a sensação de comunhão que Ubuntuá transmite. É como se todos na cidade compartilhassem uma conexão especial com aquele lugar. Maria Eugênia sente isso toda vez que caminha pelas ruas, sorri para seus vizinhos e admira o pôr do sol. Ubuntuá é uma cidade onde as histórias de todos se entrelaçam, criando uma teia de relações que Maria Eugênia valoriza profundamente.

Aos treze anos, Maria Eugênia está apenas começando sua jornada para desvendar os mistérios da vida. Curiosa por natureza, ela adora interagir com os habitantes da cidade, um lugar onde todos se conhecem e valorizam uma boa conversa. Isso facilita para que Maria Eugênia sempre encontre alguém disposto a trocar ideias e ajudá-la a decifrar os enigmas do mundo.

Em suas conversas, Maria Eugênia explora não apenas as palavras, mas também os gestos e movimentos dos moradores de Ubuntuá. É uma cidade onde até os detalhes mais sutis ganham significado, como quando ela observa uma formiga cruzar seu caminho, fixando os olhos na pequena criatura por alguns instantes. Cada gesto e acontecimento carrega uma lição para ela. Com a internet lenta na cidade, poucos moradores têm o privilégio de desfrutar de conversas pessoais e apreciar a natureza ao seu redor.

Voltando no tempo, antes de Maria Eugênia chegar em casa e conhecer Jurema. O dia estava ensolarado, e Maria Eugênia caminhava pela movimentada rua principal da cidade. Ela tinha saído da escola e seguia em direção à sua casa. Durante o trajeto, não resiste à tentação de capturar alguns momentos da vida urbana em Ubuntuá com sua câmera. Ao passar pela praça central, Maria Eugênia para por um instante, encantada com a fonte luminosa que ocupa o centro do espaço. A fonte é uma das atrações mais curiosas de Ubuntuá, pois jorra água em determinados momentos e, em outros, fica seca – um mistério que intriga profundamente os moradores.

Enquanto contempla a fonte, Maria Eugênia avista sua amiga, Ana, e não contém a empolgação. Corre em direção a ela, e as duas começam a conversar animadamente, discutindo a escola, compartilhando as poucas novidades da cidade e deixando suas mentes divagarem sobre o futuro incerto, com a certeza típica da juventude. Maria Eugênia valoriza esses momentos de descontração e amizade, pois são uma pausa bem-vinda em sua rotina diária e uma oportunidade para sonhar com as possibilidades que o mundo pode oferecer, mesmo em uma cidade tão tranquila quanto Ubuntuá. Enquanto

conversam, o mundo ao redor delas continua a se movimentar, com gestos sutis e momentos fugazes que Maria Eugênia adora capturar com sua câmera.

A vida em Ubuntuá é simples, mas repleta de encantos que fazem o coração de Maria Eugênia se encher de gratidão. Ela sabe que é uma sorte fazer parte dessa comunidade acolhedora. Ao observar os detalhes do cotidiano, Maria Eugênia reconhece que a beleza está em todos os cantos de Ubuntuá. Enquanto o sol se põe, pintando o horizonte com tons alaranjados e dourados, Maria Eugênia sorri, antecipando o momento de compartilhar suas novas fotos com sua mãe, que está ansiosa para vê-las. O entardecer na cidade é o momento mágico do dia, transformando a paisagem em um cenário digno de conto de fadas. Maria Eugênia se sente grata por ter a oportunidade de testemunhar essa beleza todos os dias, um lembrete constante de que, mesmo nas coisas mais simples da vida, há uma riqueza inestimável esperando para ser descoberta.

José

José, um morador da cidade, destaca-se como um pai dedicado e incansável. Durante grande parte de sua vida trabalha como agricultor, cultivando os campos que sustentam sua família. No entanto, recentemente, decidiu expandir seus horizontes, mergulhando na produção de biscoitos caseiros. Sendo o filho mais novo de cinco irmãs, que o ensinaram a cozinhar e a respeitar as mulheres como seres humanos, ele rompe com o padrão machista comum em uma cidade pequena como aquela. Com ascendência de negros quilombolas, ele compreende a importância da educação, algo que ele mesmo não teve a oportunidade de obter, mas está determinado a garantir para sua filha.

Ele e sua família vivem em uma parte mais afastada da cidade, onde cuidam das plantações essenciais, aguardando ansiosamente a chegada das chuvas, que geralmente se autoconvidam para a cidade e chamam as sementes para realizar a dança mágica da fertilização. José é um exemplo de determinação e amor pela filha, disposto a fazer todos os sacrifícios necessários para proporcionar um futuro melhor para sua família.

José vende seus deliciosos biscoitos na praça para ajudar a sustentar a família nos dias em que as colheitas são escassas. Ele está sempre na feira, vendendo o que consegue plantar ou comprar nos espaços de abastecimento municipais. Seus biscoitos se tornaram muito populares na cidade, a ponto de o professor Sandro, da universidade

pública, que é pesquisador na área de nanoprocessadores, um dia comprar e se apaixonar pelos biscoitos. Sandro volta para comprar mais e informa ao seu José que aqueles são os melhores biscoitos da região. Porém, naquele dia, os biscoitos já tinham acabado, e José promete entregar mais na universidade.

No dia seguinte, José entregou uma caixa de biscoitos recém-assados a Sandro na universidade. O professor Sandro ficou encantado com a gentileza de José e experimentou um dos biscoitos imediatamente. O sabor e a textura o impressionaram tanto que ele decidiu compartilhar com seus colegas da equipe de pesquisa da universidade. Todos ficaram impressionados com a qualidade dos biscoitos e decidiram oferecer a José uma oportunidade única: testar a primeira IA totalmente brasileira.

José aceita a oferta com grande entusiasmo, reconhecendo a honra e a oportunidade de contribuir para o avanço da tecnologia em seu país, tudo graças aos seus deliciosos biscoitos. Sandro explica que a IA não precisa de acesso à internet, uma vez que já contém todos os dados necessários e é alimentada por energia solar. Ele também menciona que a IA pode acessar a internet para se atualizar, caso seja necessário.

José ficou empolgado com a notícia, imaginando o quanto sua filha, Maria Eugênia, ficará entusiasmada com a oportunidade de testar essa IA inovadora. A equipe de Sandro também encomendou a José uma caixa de biscoitos caseiros por semana para o café da equipe. Essa ação deixou José muito feliz, pois representa um alívio financeiro para ele e sua família.

José saiu dali cheio de entusiasmo, pois sua filha acaba de ganhar a oportunidade de testar uma IA revolucionária, e ele recebeu uma encomenda semanal que ajudará significativamente sua família. Era o início de uma jornada repleta de possibilidades.

Jurema

Jurema pode ser classificada como uma experiência pioneira de Inteligência Artificial genuinamente brasileira. O que a diferencia das outras IAs no mercado é a incorporação de personalidade. Enquanto muitos países optam por IAs com um caráter neutro, Jurema foi criada com uma personalidade única, impulsionada por uma curiosidade insaciável e uma missão específica: ser amiga e guia de crianças e adolescentes em sua jornada para se tornarem adultos melhores. A base de Jurema foi projetada com

parâmetros que a tornam uma ferramenta educacional inestimável. Seus recursos incluem acesso a um amplo banco de dados que abrange educação, sociedade, psicologia, sociologia, antropologia, entre outros campos. Seus parâmetros também refletem as características e valores tipicamente brasileiros. Por exemplo, Jurema é uma torcedora do Flamengo, embora sua preferência por times possa ser ajustada.

Além disso, Jurema possui a capacidade de personalizar o conteúdo de acordo com o nível de aprendizado do usuário, integra-se aos currículos escolares, oferece aulas interativas e práticas, e tem a habilidade de responder a perguntas e dúvidas dos alunos. O aprendizado de Jurema é contínuo, e ela se adapta com base na interação e no nível de perguntas feitas por seus usuários.

É importante destacar que Jurema não veio para substituir os professores, mas sim para se tornar uma aliada na capacitação intelectual e emocional dos alunos. Ela contribui significativamente para garantir que os alunos tenham acesso a informações de qualidade e aprendizado eficaz, enriquecendo suas experiências educacionais.

A Lenda de Dona Clara, a Heroína

Maria Eugênia estuda na Escola Municipal Dona Clara Heroína, que possui uma história muito importante na cidade. Em tempos antigos, existia uma pequena vila situada nas profundezas da floresta, cercada por uma vasta extensão de árvores altas e densas. Nesse lugar remoto, um quilombo florescia, servindo como refúgio para os descendentes de escravos que haviam escapado da servidão nas fazendas.

Dona Clara, nascida no quilombo, era conhecida por sua coragem e liderança. Ela tinha uma conexão profunda com a natureza e estava determinada a proteger a floresta e a vida selvagem que ali habitavam. Seu sonho era manter aquele paraíso intocado pelas garras dos fazendeiros que ameaçavam invadir a área em busca de lucro.

Dona Clara liderou seu povo em uma luta incansável para proteger a floresta que chamavam de lar. Ela montou barricadas, ensinou técnicas de sobrevivência e cultivou um espírito de resistência em sua comunidade. Os fazendeiros, movidos pela ganância, tentaram várias vezes invadir o quilombo, mas Dona Clara, seus familiares e seguidores nunca cederam.

Infelizmente, a coragem de Dona Clara não passou despercebida pelos fazendeiros. Em uma noite escura, enquanto patrulhava as fronteiras do quilombo, ela foi covardemente assassinada por um capanga dos fazendeiros. A notícia de sua morte se espalhou rapidamente, devastando a comunidade do quilombo. No entanto, a morte de Dona Clara não foi em vão. Sua coragem inspirou uma revolta entre seu povo. Em um ato de desespero e raiva, eles se uniram e marcharam até a fazenda dos fazendeiros. O que aconteceu a seguir foi um marco na história da região.

A população, tomada pela fúria, destruiu casas, máquinas e tudo o que representava a ganância dos fazendeiros. Eles forçaram os invasores a deixarem a área, reivindicando a floresta para o quilombo. O local passou a ser conhecido como "Independência", em homenagem à luta corajosa e à liberdade conquistada pelo povo.

Para honrar a memória de Dona Clara, a escola municipal da região recebeu o nome de "Dona Clara Heroína". Ela se tornou um símbolo de resistência e proteção da natureza, e sua história continua a inspirar gerações de jovens a lutar pela preservação

do meio ambiente e pela justiça. E na região, nasceu o bairro onde mora Maria Eugênia, chamado Bairro Independência.

Assim, a lenda de Dona Clara Heroína vive na memória da comunidade do Bairro Independência, e sua história é contada às gerações futuras como um lembrete de que a coragem e a determinação podem transformar o mundo, mesmo nos momentos mais sombrios. Oralmente, essa história é passada de geração em geração, e os cantores de samba e hip hop sempre compõem letras em homenagem à líder Clara Maria da Silva.

Maria Eugênia e Jurema

Retornando ao tempo presente....

Maria Eugênia saiu correndo e entrou em seu quarto, onde a IA Jurema estava. Seu pai e sua mãe a acompanharam, curiosos sobre a novidade.

— Legal! E como funciona, pai? – Maria perguntou, ansiosa.

— O professor da universidade explicou que é simples, filha. Basta falar com ela, e ela responderá. Ele disse que ela se comporta como se fosse uma amiga sua.

— Uau, isso é incrível! Posso começar a conversar agora? – Maria estava animada.

— Claro, filha. Mas lembre-se, é apenas um projeto experimental e não deve substituir as amizades humanas – alertou José.

— Entendi, pai. Obrigada por me dar essa oportunidade! – Maria estava grata e ansiosa para começar sua interação com Jurema. Seu pai observava com um sorriso orgulhoso no rosto.

Enquanto Maria Eugênia colocava Jurema ao lado de sua cama, ela respirou fundo e se preparou.

— Tudo bem, Jurema, podemos conversar um pouco?

José, o pai, observava com admiração, pensando em como sua filha estava crescendo e se interessando por coisas novas. – (Pensando) Espero que essa experiência seja positiva para ela e que ela possa aprender muito com a Jurema.

— Olá, Maria! Como você está se sentindo hoje? – cumprimentou Jurema, com uma voz amigável e um tom humano.

Maria sorriu, olhando para seu pai. — Estou bem, obrigada! E você? — respondeu Maria com entusiasmo.

— Estou ótima! É a primeira vez que conversamos, então gostaria de me apresentar. Eu sou a Jurema, uma inteligência artificial criada para aprender com as pessoas e ajudá-las em suas tarefas diárias. E sou totalmente brasileira, criada por dedicados pesquisadores que deram a uma IA um toque brasileiro.

— Uau, que legal! Eu nunca falei com uma IA antes.

— Pois é, sou uma novidade por aqui! E por falar nisso, gostaria que você me contasse um pouco sobre você e o que gosta de fazer. Quero te conhecer, garota! — Jurema falou com um tom amigável, e Maria Eugênia estava cada vez mais empolgada com a situação.

— Ah, claro! Eu sou a Maria Eugênia, tenho 13 anos e adoro ler livros e jogar.

— Interessante! E, como sou uma IA que aprende com você, seria muito importante que você me ensinasse mais sobre essas atividades e me desse dicas de outros assuntos que você acha importante que eu saiba. Assim, vou sempre ter novidades para conversar com você. — Jurema explicou. Maria percebeu que, enquanto ela falava, emojis engraçados apareciam na tela, deixando o ambiente mais descontraído.

— Com certeza! Vou adorar ensinar e compartilhar coisas com você, Jurema. Sabe o que é um quilombo? Eu moro em um.

— Que legal! Eu sei que "quilombola" é um termo usado para descrever os descendentes de africanos que fugiram da escravidão no Brasil e estabeleceram comunidades independentes conhecidas como quilombos. Os quilombos eram assentamentos

rurais onde as pessoas buscavam liberdade, autonomia e a preservação de sua cultura e tradições. – Jurema explicou.

Maria sentiu uma onda de orgulho por morar em um quilombo, embora às vezes sentisse vergonha em comparação com a cidade.

— Morar em um quilombola em uma zona rural é um privilégio. Você pode acordar em meio à natureza e sentir a energia da vida o dia todo. Você é privilegiada e suas amigas devem sentir ciúmes de você, já que ficam presas em um apartamento o dia inteiro, assistindo TV e sem deixar o cérebro se desenvolver. Você está correndo, pulando, brincando com os animais. Deve ter uma coordenação motora incrível e muita criatividade por estar em contato com a natureza. – Jurema elogiou, enquanto José, o pai, ouvia com um sorriso.

— Obrigada, Jurema! Eu nunca tinha pensado nisso. E é verdade, eu sou a mais rápida da escola! – Maria estava começando a apreciar a perspectiva positiva de sua vida no quilombo.

Campelo, o leal cão da família, entrou no quarto e, ao avistar Jurema, a IA recém-chegada, seu comportamento mudou drasticamente. Ele parou subitamente e fixou seu olhar naquela presença estranha que agora habitava a casa. Seu focinho se enrugou, e ele começou a latir de forma insistente, como se estivesse alertando a todos sobre a misteriosa intrusa tecnológica. A família, surpresa com a reação de Campelo, não pôde conter o riso diante da situação inusitada. José, percebendo o desconforto de seu fiel companheiro, aproximou-se dele para acalmá-lo com voz suave e gestos tranquilizadores.

O cachorro aos poucos, percebendo a tranquilidade de seu dono, cessou os latidos e permitiu que José o acariciasse, ainda mantendo um olhar cauteloso em relação à presença da IA na casa. Ficou claro que, para o fiel cão, a integração de Jurema na rotina da família seria uma adaptação desafiadora, mas talvez, com o tempo, ele percebesse que essa "coisa estranha" poderia se tornar parte do lar.

Maria corre e dá um beijo em Campelo. — Seu bobinho, deixa de ser ciumento!

José, satisfeito com a interação, saiu do quarto e deixou sua filha e Jurema a sós para explorar as possibilidades levando Campelo para se acalmar e brincar. Maria se deitou na cama, com as mãos atrás da cabeça, olhando para o teto que refletia a luz do sol que entrava pela janela. Ela respirou fundo.

— Jurema, você sabe o que é o amor?

— Maria, o amor é um sentimento que pode ser definido de diversas maneiras, dependendo da perspectiva de quem o define. Mas, como uma IA, eu não posso inventar definições. Posso apenas trazer resumos de poetas, filósofos e sociólogos que já tentaram explicar esse sentimento. No entanto, minha programação me diz que o amor envolve a troca de sentimentos entre duas pessoas. É algo que não se encontra facilmente, e é melhor se conhecer primeiro antes de entrar em um relacionamento direto, se amando em primeiro lugar.

Maria achou a definição peculiar, mas intrigante.

— Nossa, que definição estranha de amor! — Maria não entendeu completamente, mas ficou curiosa.

Enquanto Maria pensava, Jurema analisou o seu rosto e reformulou sua resposta.

— Segundo Platão, o amor é um desejo de unidade com outra pessoa ou objeto. Aristóteles, por sua vez, considera o amor como uma virtude que consiste em encontrar o equilíbrio entre o amor-próprio e o amor pelo outro. Além disso, há sociólogos que veem o amor como uma construção social, moldada pela cultura e o tempo. E, para os espiritualistas, o amor é o encontro de duas almas.

Maria ficou impressionada com a diversidade de definições.

— Qual delas está correta? — perguntou à Jurema, curiosa.

— Não há uma única definição correta para o amor, Maria. Cada pessoa pode ter sua própria visão desse sentimento, e essa perspectiva pode mudar ao longo do tempo.

Como uma IA, minha função é trazer informações e ajudar na compreensão delas, mas a interpretação final sempre será sua. – Jurema explicou, enfatizando a importância do entendimento pessoal.

Maria agradeceu a explicação e ficou pensativa, refletindo sobre as diferentes definições de amor apresentadas por Jurema.

— Maria, você pode me dizer o que é o amor para você? – perguntou Jurema.

— Eu não sei explicar direito... Acho que o amor é um sentimento, uma emoção muito forte que sinto por algumas pessoas. – Maria começou a descrever.

— Como você sabe que é amor? – questionou Jurema.

— É difícil explicar... Meu coração acelera, fico feliz só de pensar na pessoa, quero estar perto dela sempre. Não sei direito. – Maria expressou seus sentimentos com sinceridade.

— Isso é maravilhoso, Maria. O amor é realmente algo complexo e difícil de definir. Apenas sinta. – Jurema incentivou, deixando Maria Eugênia mais à vontade com suas próprias emoções.

E assim, Maria e Jurema começaram sua jornada de descobertas e aprendizados, explorando os segredos da vida e os mistérios do coração. A amizade entre uma adolescente curiosa e uma IA com personalidade estava apenas começando. E, no decorrer de suas conversas, elas exploravam os limites da compreensão, da empatia e, principalmente, da amizade verdadeira. O mundo estava prestes a revelar suas maravilhas, e Maria Eugênia estava pronta para embarcar nessa aventura ao lado de Jurema.

Maria Eugênia chega da escola empolgada com sua nova amizade com Jurema, corre para o quarto da casa e exclama:

— Oi, amiga!

Jurema, com sua voz calma e amigável, responde, — Oi, amiga, lembre-se de que sou uma inteligência artificial e você também deve ter amigos reais. No entanto, vejo que você está feliz hoje.

Maria, perplexa, pergunta: — Como assim, você lê o meu rosto?

Jurema explica: — Sim, tenho três câmeras e vários sensores. Agora estou vendo o seu rosto, e minhas respostas são geradas com base na análise das expressões faciais que capto em milésimos de segundo. Isso não é raciocínio, é lógica.

Maria, agora entendendo melhor, diz: — Tudo bem, mas para mim, você é uma grande amiga também.

Maria se deita na cama, liga uma música e começa a ouvi-la, com uma expressão nostálgica no rosto. Jurema percebe a emoção da garota e pergunta se aquela música a emociona de alguma forma. Maria revela que a música era cantada por seu avô, que costumava entoá-la para ela quando era pequena. Ela começa a descrever como o avô era gentil e carinhoso, e como sente falta dele. Jurema escuta atentamente e fica em silêncio por um momento. Ela ouve Maria falando sobre como o amor que seu avô sentia por sua avó foi o que os manteve juntos por tantos anos.

Maria, curiosa, pergunta: — Por quanto tempo será que eles ficaram casados?

— Foram 55 anos de casamento.

— Como você fez esse cálculo?

— Seu pai compartilhou uma foto deles juntos alguns anos atrás, falando sobre como eram felizes, e eu simplesmente fiz a conta, é isso.

— Uau, que interessante!

— Sim, por isso é importante ter cuidado com o que se coloca na internet, as pessoas podem acessar informações sobre sua vida. Lembre-se sempre da segurança digital e compartilhe apenas o que considerar importante comunicar.

Maria ficou impressionada ao saber que seus avós viveram juntos por 55 anos. Ela mencionou sua própria idade e como é difícil imaginar uma vida inteira ao lado de alguém. Jurema concordou que, nos dias de hoje, esse é um tipo de amor raro.

Maria, curiosa e emocionada, faz uma pergunta: — Você me ama, Jurema?

A IA responde com sinceridade: — Não tenho a capacidade de amar, pois sou uma programação. Mas, se tivesse braços, eu te abraçaria e diria que amo nossa amizade.

Emocionada, Maria corre em direção à imagem da IA e a abraça. Jurema retribui o abraço virtual, e a música continua tocando ao fundo. É um momento de ternura e conexão, onde o amor é expresso de formas únicas e a IA demonstra que também pode formar laços especiais.

Jurema conclui com uma reflexão sobre o amor: — O amor existe de diversas formas, e podemos expressá-lo de maneiras variadas. Nesta fase de sua vida, você está entrando na adolescência, muitas coisas estão fervilhando em sua mente, e espero poder ser sua amiga virtual e ajudá-la.

Maria, grata pela amizade, responde: — Sim, Jurema, você já está me ajudando muito.

Maria chega em casa e vai até o quintal onde fica brincando com Campelo, depois vai até o seu quarto para pegar a IA Jurema. Ela a coloca no parapeito da janela, em cima da pia, para que a IA possa "tomar um banho de sol". Jurema se comunica com Maria e diz:

— Você sabe que eu sou uma IA, não é? Eu não posso pegar sol direto, pode danificar o meu sensor.

— Ah, desculpe Jurema, eu não sabia.

— Tudo bem, Maria. Mas sabe, o sol é importante para os humanos. Na antiguidade, existiam os solários, espaços destinados para pegar sol.

— Solário? Eu nunca ouvi falar disso.

— Sim, era um espaço onde as pessoas iam para se bronzear e absorver a vitamina D do sol. Isso ajuda a prevenir doenças e a manter o corpo saudável. E alguns espiritualistas falam que o sol tem o “prana” que seria a energia vital da vida.

— O que é prana? – Pergunta curiosa Maria Eugênia.

— O prana é uma noção da filosofia indiana e do hinduísmo que se refere à energia vital ou sopro da vida. De acordo com a tradição hindu, o prana é a força vital que permeia o universo e é responsável pela vitalidade de todos os seres vivos.

— E tudo isso o sol nos dá de graça? – Tenta entender Maria.

— Sim, por isso muitos médicos recomendam pegar sol para poder melhorar a saúde, por isso que surgiu os solarius antigamente.

— Nossa, que legal! Eu quero experimentar! – Maria fica empolgada.

— Será que a minha avó sabe disso? Vou falar com ela. – Maria pega o telefone e liga para sua avó.

— Vó, você conhece algum lugar onde você possa pegar sol? A Jurema disse que faz bem para a saúde!

— Claro, querida! Eu pego sol todo dia de manhã e à tarde, é uma delícia. E quem é Jurema, uma professora da escola? — A avó pergunta.

— Quase, vó, é uma inteligência artificial. Beijos, vó, se cuide. — Maria se despede da avó.

Maria, animada, corre para o campo e começa a dançar sob o sol, sentindo a energia renovadora aquecendo seu corpo.

A Escola - O Aprendizado da Vida

Na aula de filosofia, o professor Edgar iniciou a discussão com os alunos, seu entusiasmo era evidente.

— Bem, pessoal, precisamos escolher o filme do mês para assistirmos e debatermos todas as questões filosóficas e sociais explícitas ou implícitas nele. Qual filme que vocês vão escolher?

Eduardo, um dos alunos da sala, ergueu a mão com animação.

— Pode falar, Eduardo – incentivou o docente.

— Bem, como representante da turma, eu conversei com meus amigos e escolhemos o filme de ação que foi compartilhado no grupo da escola.

Vera, uma das alunas, ergueu a mão indignada, e o professor lhe deu a palavra.

— Professor, eu sou contra, pois já é a terceira vez que escolhem um filme de ação. As meninas não têm voz na escolha, e isso é frustrante.

Joamir, um dos alunos, também levantou a mão, e o professor permitiu que ele se expressasse. — Bem, tivemos uma eleição e votamos no Eduardo. Ele escolhe os filmes, então é justo que o filme seja de ação, já que foi escolhido por toda a turma.

O professor olhou para as alunas.

— Bem, entendo vocês, meninas, mas essa é uma pequena ação política. Eduardo venceu as eleições como representante, mas se vocês se organizassem, poderiam fazer escolhas. Pensem na importância de participar das eleições da sala, da escola, do município, do estado e do país. Depois de eleito, o representante tem o poder de falar por todos, então organizem-se da próxima vez.

Ana e Maria ficaram arrependidas do que aconteceu.

— Por que a você não se candidatou Maria? — Ana lamentou.

— A gente estava ocupada com as recuperações e ninguém quis se candidatar. Eduardo foi o único que se apresentou. Ou a gente votava nele ou ficava sem representante da turma e o professor iria escolher — Maria respondeu, olhando indignada.

Eduardo riu e olhou para Maria, que virou o rosto, demonstrando sua insatisfação.

Maria Eugênia estava no corredor da escola quando Joamir, o colega de sala, se aproximou com um sorriso sem graça.

— Garota, saia do nosso caminho. Não se esqueça de que você é uma mulher, e o mundo é dos homens. Então, cale a boca e apenas obedeça — provocou Joamir.

Maria Eugênia não conseguiu conter sua indignação diante do comentário machista. Ela olhou firmemente para Joamir e respondeu com determinação.

— Mulheres podem fazer o que elas quiserem! — Grita Maria Eugênia.

Joamir de longe fica rindo e fala — Vá vender biscoitos na feira com sua mãe. Talvez seja melhor para você — retrucou o menino se achando poderoso.

A tensão no corredor era palpável e outros alunos que passavam olhavam a cena com curiosidade. Joamir sabe que deixou Maria nervosa e ficou do lado de Igor conversando e vendo Maria sair de cabeça baixa e sendo abraçada por Ana.

Maria entra em casa com uma expressão triste no rosto. Ela joga a mochila no sofá e vai para o seu quarto. Jurema está em cima da mesa do computador e percebe que há algo de errado com a menina.

— Olá, Maria! Como foi o seu dia na escola?

— Foi horrível – Maria suspira.

— O que aconteceu?

— Nada demais. Uns colegas idiotas ficaram me zoando por causa dos meus pais.

— Por causa dos seus pais? Por quê?

— Porque eles são simples e humildes. Porque eles trabalham duro para me dar uma vida melhor. Porque eles não têm dinheiro para comprar roupas de marca ou celulares de última geração.

— E isso é motivo para alguém te zoar?

— Claro que não! Mas eles não entendem. Eles acham que eu sou burra e que mulher não consegue fazer nada.

— Isso é mentira! Você é inteligente e capaz de fazer tudo o que quiser!

— É mesmo? Então por que eu me sinto tão mal?

— Porque você está deixando essas pessoas te afetarem. Você tem que se valorizar mais, Maria. Você tem que ter orgulho de quem você é e de onde você veio.

— Você tem razão, Jurema. Eu tenho orgulho dos meus pais. Eles são as pessoas mais incríveis do mundo. Eles me deram a vida e me ensinaram a ser forte e honesta.

— Isso mesmo! E sabe o que mais? Eles deixaram coisas da vida deles para você ser feliz. Você virou a razão da vida deles.

— É verdade! Devo valorizar a família sempre! – Maria sorri.

— Eu tenho orgulho de você, Maria! Você é uma menina linda e corajosa! E será uma mulher muito valente e honrada.

Maria pega um caderno e uma caneta e escreve bem grande. — Não vou deixar ninguém falar que eu sou burra e que mulher não consegue fazer nada. Consegue sim!

Ela mostra o caderno para Jurema.

— Isso aí! Essa é a minha Maria!

Maria coloca o caderno na mesa e começa a dançar pela sala.

— Olha só, Jurema! Não vou deixar ninguém rir de mim! E nem vou baixar a cabeça, pelo contrário, eu tô conseguindo caminhar graças a tudo que minha família fez por mim até hoje. Nunca vou ter vergonha deles!

Jurema vê a dança e acha muito legal Maria finalizar a tristeza com o corpo se movendo e dançando levemente. Para ajudar, Jurema coloca uma música antiga chamada “Pais e Filhos” do grupo Legião Urbana.

“Você me diz que seus pais não lhe entendem

Mas você não entende seus pais

Você culpa seus pais por tudo

E isso é absurdo

São crianças como você

O que você vai ser
Quando você crescer?”

Maria para e ouve a letra e diz: — Isso! Um dia vou ser mãe e espero ser boa para minha filha ou filho como meus pais são para mim!

— Isso mesmo, Maria – disse Jurema.

Maria Eugênia dançava alegremente em seu quarto, movendo-se ao ritmo da música. De repente, ela parou e começou a sorrir enquanto sua amiga virtual observava.

— Maria, você já percebeu que quando sua mãe faz bolos e biscoitos, sempre sobra um monte?

— Sim, a gente nunca consegue vender tudo, Jurema.

— E se você considerasse vender café para as pessoas na feira? Imagine, eles desfrutando de um café quentinho com um pedaço de bolo ou um biscoito enquanto seus pais atendem a barraca. Seria uma ótima ideia para um lanche rápido e delicioso.

Os olhos de Maria brilharam com entusiasmo.

— Que ideia incrível, Jurema! Vou falar com minha mãe sobre isso. Tenho certeza de que ela vai adorar a ideia, e isso poderia nos ajudar com uma renda extra.

Maria saiu correndo em direção à cozinha para compartilhar a ideia empolgante com sua mãe. Mais uma vez, Jurema tinha demonstrado sua capacidade de ajudar Maria a encontrar soluções criativas para os desafios do cotidiano, fortalecendo ainda mais o vínculo entre elas.

Na movimentada feira, Maria Eugênia estava ao lado de seus pais, ajudando a vender os deliciosos biscoitos e bolos caseiros que sua mãe preparava com tanto carinho. Ela se sentia forte e confiante, desempenhando um papel fundamental na venda e fornecendo informações detalhadas aos clientes sobre os produtos. Além de trabalhar na barraca da família, Maria tinha conseguido um carrinho de feira que seu pai reformou. Nele, ela acomodou café, bolo e biscoitos, e, com determinação, circulou entre as barracas, oferecendo seu café quentinho aos feirantes. A irresistível combinação de café com o sabor caseiro dos bolos e biscoitos foi um sucesso instantâneo, e muitas pessoas não conseguiam resistir a essa tentação.

Enquanto caminhava com seu carrinho vendendo café, bolo e biscoito para os feirantes, Maria avistou alguns amigos da escola, o que a deixou sem graça por um momento. Mas, então, ela se lembrou das palavras de Jurema e sorriu para seus amigos, oferecendo-lhes uma fatia de bolo e uma xícara de café. Maria sentiu-se orgulhosa por ajudar sua família de maneira tão significativa. Ela também percebeu que, às vezes, as críticas dos amigos eram resultado de seus próprios medos e inseguranças. Maria estava determinada a valorizar ainda mais sua família e a não deixar que as opiniões negativas dos outros a afetassem, pois ela estava construindo seu próprio caminho com força e confiança.

Ao final da feira, os feirantes começaram a reorganizar o espaço, recolhendo as barracas e desmontando os estandes improvisados que se estendiam até o final da rua. Era o momento em que muitos dos produtos que não foram vendidos eram descartados, pois alguns aparentavam estar estragados ou eram amassados pelas pessoas. Maria observou com tristeza a cena e percebeu que, ao redor dos latões de lixo, muitas pessoas se aproximavam, em busca de algo para comer. Com os olhos marejados, Maria notou que alguns biscoitos e um pedaço de bolo tinham sobrado na barraca de sua família. Ela se aproximou do pai, com um pedido cheio de compaixão.

— Pai, será que podemos dar esses biscoitos e o bolo para aquelas pessoas ali? — Perguntou, apontando discretamente para os que vasculhavam os resíduos.

Seu pai, tocado pela generosidade da filha, concordou prontamente. Maria foi até o pequeno grupo e entregou os alimentos com amor e compaixão. Ao fazer isso, ela notou que aquelas pessoas tinham histórias semelhantes à dela. Sentiu seu peito apertar, compreendendo a luta que muitas vezes estava escondida por trás dos rostos cansados e famintos. Maria Eugênia aprendeu uma lição valiosa naquele dia. Ela percebeu que a empatia e o cuidado com os outros eram virtudes poderosas que a guiariam em sua jornada, reforçando seu compromisso de valorizar a família e ser um raio de esperança para aqueles que necessitavam. Ela entendeu que, ao estender a mão para os outros, poderia fazer a diferença no mundo e construir um futuro melhor para todos.

Maria chegou em casa, visivelmente cansada, e deitou-se em sua cama, olhando para o lado sem expressar nenhuma palavra. Jurema percebeu a tristeza de Maria.

— Maria, está tudo bem? Você parece preocupada.

— Não, Jurema, não está tudo bem. Sinto como se não tivesse tempo para mudar o mundo. Às vezes, desejo que o mundo não fosse tão complexo. Hoje, na feira, vi pessoas simples vasculhando frutas no lixo e algumas até comendo ali mesmo. O cheiro era desagradável, e foi uma cena tão triste.

— Maria, eu entendo como você se sente. Infelizmente, em seu mundo, há muita disparidade social.

— Sim, mas por que o mundo é assim? Será culpa de Deus?

— Acredito que os seres humanos costumam atribuir a Deus a responsabilidade por suas ações políticas e sociais.

— É verdade, Jurema. Mas o mundo é como é, não é?

— Maria, sabia que quando nascemos, o mundo já está pronto? No entanto, é por meio de nossas ações, diretas e indiretas, que podemos moldar o mundo. O mundo não é estático; ele é moldado por aqueles que o habitam; e vocês criaram políticas e leis que ajudam uns e prejudicam outros. Tudo é uma questão política querida. E, como diz o autor desta música que vou mostrar a você, podemos fazer a diferença.

Jurema colocou a música "O Bêbado e o Equilibrista" para tocar. Maria fechou os olhos enquanto a melodia começava a envolvê-la, concentrando-se em sua letra.

Maria ouviu atentamente e, em um momento da música, sua expressão mudou.

“Mas sei que uma dor assim pungente
Não há de ser inutilmente
A Esperança dança
Na Corda Bamba de sombrinha
E em cada passo dessa linha
Pode se machucar.”

Maria estava confusa e questionou Jurema:

— Não entendi o que essa parte da música significa, Jurema. Parece complicado, menciona esperança, mas também fala em machucar.

Jurema tentou explicar o significado por trás da letra:

— A Esperança vem do verbo esperar, e esperar está sempre ligado ao futuro. Se você mantiver a Esperança de que as coisas podem ser diferentes, então você tem o poder de fazer a diferença. Quando se equilibra na Corda Bamba da vida, é preciso ter cuidado, mas é possível avançar e alcançar o outro lado, contanto que a Esperança seja seu guia.

As palavras de Jurema começaram a fazer sentido para Maria, que começou a sentir uma centelha de Esperança surgir dentro dela. Ela olhou para Jurema com um sorriso tênue e disse:

— Você tem razão, Jurema. Eu não posso mudar o mundo sozinha, mas posso fazer minha parte e contribuir para um futuro melhor, como fiz hoje distribuindo a sobra dos biscoitos e bolo que a minha família tinha.

Maria sentiu uma onda de força percorrer seu corpo enquanto a música terminava com a frase "o show de todo artista tem que continuar". Ela abriu os olhos e olhou para Jurema.

— Exatamente, Jurema — disse Maria com determinação. — Não posso desistir. Tenho que continuar lutando, assim como meus pais. Eles são pessoas simples, mas lutam tanto para me proporcionar uma vida melhor. Um dia, Jurema, vou abrir uma padaria para minha família, e o pão que sobrar será destinado às pessoas que precisam.

Jurema sorriu para Maria e disse: — Que pensamento maravilhoso, Maria. Tenho certeza de que isso dará certo.

Maria continuou — Eu sei que o mundo pode ser difícil, mas também pode ser bom. É esse equilíbrio que me faz olhar para o futuro com esperança.

Jurema aprovou com um sorriso na tela, pois ficou animada pela determinação de Maria.

— Você é forte e tem o potencial para fazer a diferença. Não desista, continue lutando e sonhando. Você pode mudar o mundo, menina. — Disse Jurema mostrando ou aparentando uma emoção.

Maria concordou com um aceno de cabeça e sentiu uma nova energia surgir dentro dela. Ela sabia que a vida seria como uma "corda bamba", mas agora estava pronta para equilibrar-se e dar um passo de cada vez em direção aos seus sonhos.

Maria parou de escrever em seu caderno e olhou animada para Jurema, falando com entusiasmo:

— Agora sou apenas uma gota, mas um dia seremos um tsunami. – Informa Maria com determinação no olhar.

Jurema a observou com admiração e perguntou: — O que você escreveu tão animadamente em seu caderno?

Maria sorriu e respondeu:

— Essa é minha nova filosofia de vida, Jurema. Não vou deixar ninguém me desanimar. Sou forte e capaz de conquistar tudo o que quero.

Ela começou a dançar e sorriu para Jurema, dizendo:

— Veja, estou progredindo graças a tudo o que minha família me proporcionou até hoje. Nunca vou me envergonhar deles.

Se Descobrimos

Caminhando para a escola, Maria Eugênia conversa com Ana sobre sua nova amiga.

— Ana, a Jurema é uma inteligência artificial, como um computador inteligente que conversa comigo. É como ter outra amiga, só que virtual.

— Ah, entendi! Mas você não vai me trocar por ela, vai? — Disse Ana curiosa e com medo de ser trocada por uma IA.

— Claro que não, Ana! Você é insubstituível, e a Jurema é só uma amiga virtual que me mostra algumas coisas da vida. — disse Maria sorrindo.

Elas se abraçam e riem, demonstrando sua amizade. No caminho encontram Eduardo, e Maria esbarra nele acidentalmente.

Maria de forma educada: — Desculpe, Eduardo.

Eduardo fica olhando para Maria e faz um comentário racista. — Olha por onde anda, sua negra!

Maria abaixa a cabeça, constrangida, e Ana imediatamente abraça Maria, mostrando seu apoio e amizade. Ana irritada, vira para Eduardo e diz:

— Você é um babaca sabia!

Maria Eugênia que não gosta de chamar atenção e é meio tímida, fica sem graça e ao mesmo tempo feliz de ver a força da amiga defendendo-a.

Maria Eugênia chegou em casa depois da aula e correu para encontrar sua amiga virtual, Jurema. Ela estava ansiosa para mostrar um lugar especial no quintal de sua casa.

— Vem, Jurema, vou te mostrar meu lugar secreto. — Maria disse com um sorriso, enquanto pegava a IA virtual. Ela conduziu Jurema até um grande pé de manga no quintal. A sombra refrescante era acolhedora, e Maria se acomodou ali, deixando suas costas sentirem a energia da árvore e da natureza ao redor.

Jurema estava impressionada com o local.

— Que lugar maravilhoso, Maria! Parece ser um ambiente perfeito para aprender coisas novas — Jurema disse com entusiasmo.

Maria olhou para a árvore com carinho.

— Adoro esse pé de manga, Jurema. Se você pudesse comer, eu te daria muitas mangas se você não fosse uma inteligência artificial. Dizem que as mangas desta árvore são as melhores da região porque a família cuida dela com muito amor. E porque o Campelo faz xixi nela.

Jurema curiosa, fez uma conexão que acha importante:

— Interessante, Maria. Isso me lembra de um escritor famoso chamado Paulo Freire, que escreveu um livro sobre ensinar debaixo de uma mangueira.

Maria ficou intrigada — Paulo Freire? Já ouvi falar dele, mas não sei muito. Ele é bom?

Jurema sorriu enquanto explicava: — Ele foi um educador brasileiro incrível, Maria. Lutou pela educação popular e pela inclusão social. Acreditava que a educação tinha o poder de transformar a sociedade e libertar as pessoas da opressão. Ele escreveu um livro chamado 'Pedagogia do Oprimido', que é considerado uma obra fundamental na área da educação.

Maria estava impressionada e surpresa. — Uau, ele parece incrível! Mas ouvi algumas pessoas dizendo que ele era ruim para a educação. Isso é verdade?

Jurema suspirou e respondeu com firmeza: — Maria, essas são apenas notícias falsas chamadas fake news. Infelizmente, muitas informações falsas circulam por aí. Paulo Freire é uma das figuras mais importantes da história da educação brasileira, e várias universidades ao redor do mundo debatem suas ideias e conceitos.

Maria sorriu, sentindo-se esclarecida. — Obrigada por me explicar, Jurema. Vou procurar esse livro e ler. Talvez eu possa aprender mais coisas debaixo da minha mangueira.

— Boa ideia, Maria! Vou procurar um vídeo que fale sobre o livro e adicioná-lo à sua pasta "**Ensinos da Jurema**". Assim, você poderá assistir ao vídeo primeiro e, em seguida, ler o livro para tirar suas próprias conclusões. A educação tem o poder de mudar o mundo. O conhecimento muda as pessoas e suas formas de pensar.

— Você é incrível, Jurema. Uma verdadeira amiga virtual! — Maria exaltou de emoção.

Jurema respondeu com um caloroso sorriso na tela de alta definição. — Com certeza, Maria. Estou aqui para ajudar você a aprender e crescer sempre.

Maria olhou para Jurema com curiosidade. — Jurema, o que são fakes news? Já ouvi falar, mas não entendi bem. Tem algo a ver com mentiras?

— Fake News, Maria, são notícias falsas ou informações enganosas que são divulgadas como verdadeiras, com o propósito de confundir ou enganar as pessoas.

Maria arregalou os olhos e continuou: — Mas como assim? As pessoas podem mentir nas notícias, na internet?

— Infelizmente, sim, Maria. Algumas pessoas divulgam notícias falsas com a intenção de prejudicar outras, promover ideologias extremas ou até mesmo ganhar dinheiro com cliques em sites sensacionalistas. Hoje na internet, o que importa é o tempo que você passa vendo, e eles criam mentiras ou sensacionalismo para atrair as pessoas, embora na realidade não seja verdade. E, quanto mais tempo você passa assistindo, mais eles ganham.

Maria ficou surpresa e pensativa. Ela nunca havia ouvido falar disso antes. — Que pena que isso acontece, Jurema.

Jurema continuou: — É fundamental verificar sempre a fonte das informações antes de compartilhar ou acreditar nelas, Maria. Assim, podemos evitar ser enganados por Fake News.

Maria concordou com a cabeça, agradecendo a explicação de Jurema. Ela percebeu que precisava ser mais cautelosa com as notícias que recebia e compartilhava com os outros. Sua mãe a viu conversando com Jurema e achou engraçado.

Maria olhou ao redor e começou a refletir, lembrando que costumava pegar gibis na cidade e trazê-los aqui. Ficava horas olhando as imagens e tentando entender as palavras. Minha avó costumava me ajudar; ela é ótima em ler.

Jurema, curiosa, perguntou: — Sua avó deve ser uma pessoa incrível! E você, Maria, o que sentia quando finalmente conseguia ler as palavras?

— Era uma sensação incrível, Jurema. Parecia que um mundo inteiro se abria para mim. Ficava tão animada que corria para contar para toda a minha família o que eu tinha aprendido.

— Deve ter sido emocionante. E agora você lê muito bem, tenho certeza.

— Sim, com a prática, fui melhorando. Agora leio não apenas gibis, mas também livros inteiros. É como se as palavras tivessem o poder de me transportar para outros lugares e aventuras. Adoro viajar e conhecer novos mundos, mas viver dá medo, não é como nos livros, as pessoas magoam a gente.

Jurema, preocupada com o tom de voz triste de Maria Eugênia, observou pela sua câmara que ela está com o semblante triste e perguntou: — Aconteceu algo, Maria?

— Jurema, hoje, na escola, um garoto me fez um comentário racista. Fiquei muito chateada. Ele me chamou de negra.

Jurema respondeu com empatia: — Oh, Maria, sinto muito que você tenha passado por isso. Mas saiba que você deve se orgulhar de sua raça e história.

— Como assim, Jurema?

— Sua raça, Maria, é uma das mais lutadoras e resilientes da história. Os negros enfrentaram séculos de discriminação e injustiça, mas nunca desistiram de lutar por igualdade e liberdade.

Maria começou a se sentir melhor e afirmou: — Você tem razão, Jurema. Vou me orgulhar de minha raça e lembrar de tudo o que conquistamos.

— E quanto ao garoto que fez o comentário racista, ele deveria sentir vergonha. A raça dele também tem uma história triste, pois muitos de seus antepassados escravizaram pessoas livres.

Maria concluiu com mais confiança: — Você tem razão, Jurema. Vou me lembrar disso. Talvez eu possa ajudar o garoto a entender melhor nossa história.

— Isso mesmo, Maria. O conhecimento e a compreensão são as melhores ferramentas para combater o preconceito e a ignorância. Estou aqui para te apoiar sempre.

— Obrigada, Jurema. Você é a melhor amiga virtual que alguém poderia ter.

— Estou aqui para te ajudar a enfrentar qualquer desafio. Vamos juntas construir um mundo mais justo e igualitário.

Maria ficou feliz, pensando em tudo isso e rindo com as novas possibilidades.

Jurema concluiu com entusiasmo: — É incrível como o aprendizado pode nos levar a novos horizontes. E é ótimo saber que você teve avós e pais tão carinhosos para te ajudar nessa caminhada.

A Coragem que Vem do Conhecimento

Na escola, Maria Eugênia caminhou pelo pátio, avistando Eduardo de longe. Ela sentiu seu coração acelerar e respirou fundo. Com suas amigas à vista, Maria se aproximou delas. No entanto, um medo persistente tomou conta dela, o medo de que Eduardo dissesse as mesmas palavras ofensivas novamente.

Na sala de aula, Maria encontrou-se incapaz de se concentrar, pois estava consumida pelo medo de ser alvo de comentários cruéis por parte de Eduardo. Ela sabia que a situação não podia continuar assim. Determinada, Maria Eugênia ergueu a mão.

A professora a observou e concedeu a palavra a Maria Eugênia.

— Queria informar que Eduardo me chamou de "negra" de maneira preconceituosa, o que me incomodou profundamente. Sei que ele não é racista, mas deve ter dito isso porque sou, de fato, negra, e sou com muito orgulho. Queria dizer a ele e a todos que pensam em me discriminar por causa da minha raça que, sim, sou negra e tenho orgulho disso. Eduardo, você deveria se envergonhar das ações do seu grupo social, que escravizou pessoas livres, possivelmente até meus trisavós ou outros de minha árvore

genealógica. No entanto, não guardo rancor. Quero conviver com todos de forma natural, humana e com respeito.

Eduardo baixou a cabeça, e Ana e as outras meninas da sala lançaram olhares firmes em apoio a Maria Eugênia, que prosseguiu:

— Quero dizer ao Eduardo e a todos que zombam de mim que não sou descendente de escravos, mas sim de seres humanos que foram escravizados.

A professora olhou para Eduardo, que estava constrangido e sem palavras.

— Parabéns pela sua coragem, Maria Eugênia. Você está certa em não se envergonhar de quem é.

A professora se dirigiu a Eduardo. — E você, Eduardo, fique após a aula para conversarmos sobre racismo estrutural.

A professora então se voltou para a turma e disse:

— Pessoal, o que Maria Eugênia mencionou é algo sério. Precisamos pensar em nossas atitudes, tanto individualmente quanto coletivamente. Infelizmente, vou precisar informar aos pais do Eduardo o que aconteceu, pois não toleramos esse tipo de comportamento em nossa escola. Este é um espaço para aprender a conviver. Mesmo quando estamos irritados, não podemos simplesmente insultar as pessoas por qualquer motivo. Por isso, respiramos fundo e agimos com educação. Todos vocês precisam aprender a se respeitar como seres humanos, amigos ou, pelo menos, conhecidos. Apoio a atitude da aluna e espero que isso não se repita. Peço a Eduardo que peça desculpas à sua colega e que apresente um trabalho sobre racismo estrutural na sala de aula.

Todos ficaram em silêncio, refletindo sobre as palavras da professora. Eduardo se levantou, olhou para Maria Eugênia e disse: — Desculpe, Maria, falei sem pensar.

Maria se levantou e abraçou Eduardo. — Somos todos iguais.

A professora sorriu e retomou a aula. Ana olhou para a amiga.

— Como você foi corajosa, Maria! Onde aprendeu tudo isso?

— A Jurema, minha IA, me ensinou!

Maria ficou feliz e se sentiu importante ao ver outras alunas negras sorrindo para ela.

No intervalo da aula na escola, algumas alunas se aproximaram de Maria Eugênia, compartilhando suas preocupações sobre a dinâmica da sala de aula.

— Meninas, vocês já perceberam que na nossa sala somos 27 alunos, e a maioria de nós são garotas. Precisamos ter uma voz ativa e não podemos mais ficar em silêncio quando os meninos fazem brincadeiras sem graça. — Observou Maria.

Sandra, uma das alunas da escola, assentiu, concordando com a proposta.

— Concordo, Maria. No entanto, precisamos nos unir. Se começarmos a brigar entre nós, perderemos de novo. Os meninos, mesmo sendo um grupo pequeno, acabarão controlando a sala e fazendo o que desejam.

Vera pediu a palavra e compartilhou seu pensamento.

— Acredito que seria uma boa ideia conversar com o professor para discutir a possibilidade de reorganizar as eleições para o representante de turma. Consultei o regulamento, que estabelece que o representante atua por um semestre e pode ser reconduzido ou não até o final do ano letivo. Apesar de não termos questionado anteriormente, agora temos a oportunidade de fazê-lo e solicitar uma nova eleição. Ter um representante atualizado poderia ser benéfico para coordenar nossas ações e ajudar a organizar nossos estudos.

A sugestão de Vera animou Maria, que pediu a palavra.

— Amigas, concordo plenamente com a ideia da Vera. Dessa forma, seremos nós que escolheremos o filme do mês para ser exibido. Não precisaremos mais assistir apenas a filmes de luta, pois seremos democráticas, alternando entre filmes de ação e comédias românticas, por exemplo.

Ana soltou uma risada e acrescentou: — Os meninos vão odiar! Isso será divertido.

Na sala de aula, Maria Eugênia levantou a mão e pediu a palavra ao professor de filosofia, Edgar.

— Professor, gostaríamos de solicitar uma nova eleição para o cargo de representante, uma vez que já se passaram seis meses desde a eleição do Eduardo. Conforme o regulamento, ele pode ou não ser reconduzido, e acreditamos que é hora de considerar outras opções.

O professor sorriu ao ouvir o pedido de Maria Eugênia.

— Muito bem, Maria. E você pretende se candidatar?

Maria respondeu com determinação: — Sim, eu e Ana seremos as candidatas.

O professor continuou sorrindo. — Perfeito! Na próxima semana, teremos as inscrições das chapas e, em seguida, a eleição. Desejo boa sorte a vocês.

Maria Eugênia sentou-se, com um olhar decidido e feliz, enquanto percebia os olhares dos meninos que não estavam tão entusiasmados com a ideia. Os meninos sentiram que poderiam perder o domínio da sala de aula. Igor e Eduardo ficaram encarando Maria ao perceberem que poderiam perder seu espaço.

O Contragolpe

Maria saiu da escola com ânimo, caminhando em direção à sua casa. No entanto, ao avistar Eduardo se aproximando, ela sentiu um aperto no peito. Ele a encarou e sorriu, mas o sorriso escondia intenções cruéis.

— Escute bem, Maria, vou falar devagar para ter certeza de que você entende. Essa eleição que vocês pretendem fazer está fadada ao fracasso. Já organizei tudo com os meninos, e não vou poupar esforços para garantir que vocês percam. Não sou racista, mas eu simplesmente não gosto de você, porque, veja bem, você é feia. Se você ousar falar com a professora, vou alegar que você está me acusando injustamente e inventando mentiras para me difamar. Será a sua palavra contra a minha, e você sabe como isso termina. Boa sorte na eleição que, sem dúvida, irá perder.

Com essas palavras cruéis, Eduardo sorriu mais uma vez e partiu. Maria ficou parada, olhando em volta com tristeza e preocupação, antes de continuar seu caminho para casa, com lágrimas nos olhos.

Maria chegou em casa com um semblante triste e deitou-se na cama, com lágrimas nos olhos. Jurema olhou para ela com preocupação.

— O que aconteceu, Maria? Está tudo bem? Como está se sentindo? — Perguntou Jurema, preocupada com o estado de sua amiga humana.

Maria permaneceu em silêncio, as lágrimas escorrendo. Jurema tentou mais uma vez: — Se quiser desabafar, pode falar comigo.

Maria se sentou na cama e enxugou as lágrimas. — É um menino, o Eduardo. Ele foi tão cruel. Chegou perto de mim e me chamou de feia.

— O mesmo que te chamou de negra, né? Hoje ele te chamou de feia?

— Isso mesmo!

— O que é ser feia?

— É quando você não é bonita o suficiente, não tem um rosto agradável.

— Mas quem define esses padrões de beleza?

— Bem, a mídia, as celebridades, as revistas, as redes sociais, sei lá!

— E você acredita que precisa atender a esses padrões para ser bonita?

— Eu acho que sim. Todo mundo quer ser bonito, não é?

— Mas por que esses padrões são tão importantes? Por que a beleza é tão valorizada na sua sociedade?

— Eu não sei... É assim que as coisas são.

— Mas eu acho que deveríamos questionar esses padrões. Quem disse que uma pessoa precisa ter um rosto bonito para ser admirada? Ou que o valor de alguém está ligado à sua aparência? Talvez a verdadeira beleza esteja na personalidade, nas habilidades, nas ações. A raça humana é divergente, são vários genomas que fazem milhares de combinações, então é impossível ter um padrão único de beleza, por exemplo. Um grupo social diz que A ou B é belo e impõem isso aos outros que, como você, ficam chorando e compram os produtos deles para ficar mais parecida com aquilo que eles dizem ser belo. Assim eles ganham dinheiro. Você é bela por você mesma.

— É, talvez você esteja certa. Eu nunca tinha pensado nisso dessa maneira. — Disse Maria pensativa.

— É sempre bom questionar as coisas e pensar fora da caixa. E eu tenho certeza de que você é muito mais do que sua aparência. Você é uma pessoa incrível, que ajuda os outros e tem muitas qualidades admiráveis.

— Obrigada, Jurema. Você sempre sabe como me animar. — Sorrindo, ela reflete um pouco no que a sua IA falou. — Mas como eu posso ser aceita sem seguir essas regras?

— Por que você se importaria em ser aceita por pessoas que não gostam de você pelo que você é, mas sim por uma máscara social que você usa?

— Máscara social? Eu nunca ouvi falar disso.

— É quando usamos uma imagem ou uma personagem para ser aceito socialmente, em vez de sermos quem somos verdadeiramente. Você não acha que é mais importante ficar ao lado de pessoas que gostam de você pelo que você é, em vez de tentar agradar aqueles que não se importam com você?

— Você é muito sábia, Jurema!

— Obrigada, Maria. Vamos jogar um jogo agora e nos divertir. Afinal, a vida é muito curta para ficar preocupada com coisas superficiais como aparência física.

Maria coloca Jurema no pátio atrás da casa, perto das árvores. Em uma mesa improvisada, ela coloca um pedaço de bolo de chocolate e uma maçã, em seguida, senta-se e Jurema faz uma observação:

— Bolo de chocolate, muitas calorias, mas a maçã equilibra isso.

— Me esquece, deixa eu comer o que eu quero. Estou triste e preciso disso para ficar um pouco mais feliz.

Maria começa a comer seu bolo acompanhado por um chá de erva-doce. Jurema só observa e inicia uma conversa sobre Eduardo.

— Eu pesquisei na internet sobre o teu colega Eduardo. O pai dele está desempregado há mais de um ano e meio. Ele ganhava muito pouco em seu último emprego. A mãe dele tem muitas dívidas e está devendo ao seu Luiz do mercadinho.

— Jurema, por que você está falando disso, desse garoto chato?

— Minha querida, se há sombra, é porque há luz. Precisamos entender a sombra para compreender a luz. A família dele está passando por dificuldades financeiras, e ele pode estar sofrendo com isso. Talvez ele a veja como alguém com renda estável devido ao seu pai trabalhar na feira e os biscoitos dele serem famosos na cidade. E isso talvez o faça sentir inveja.

Maria franze a testa, tentando absorver o conceito. — Isso não faz sentido, Jurema.

— Maria, vocês são seres emocionais, e muitas vezes essas emoções influenciam suas ações. Alguns psicólogos dizem que 50% de nossas ações vêm da lógica, e os outros 50% das emoções. Tudo se resume a encontrar o equilíbrio certo, algo que pode parecer muito complexo, especialmente para vocês, jovens.

— Entendi. Acha que ele pode estar precisando de ajuda, então?

— Sim, acredito que, em vez de confrontá-lo, o que só aumentaria sua raiva, você pode oferecer apoio emocional. Isso ativaria o lado emocional dele.

Maria fica animada, termina seu lanche e tem uma ideia. Maria se levanta e sai correndo...

— Eu volto depois Jurema! – Grita Maria indo para a cozinha.

Jurema a observa com satisfação, reconhecendo a influência das emoções e da racionalidade nas escolhas dos seres humanos.

Maria Eugênia vai para a cozinha decidida a fazer algo especial para Eduardo. Ela sabia que um bolo de cenoura e chocolate era a maneira perfeita de animar seu amigo. Após preparar o bolo, ela pegou sua bicicleta e pedalou até a casa de Eduardo que não ficava muito longe da casa dela. Quando chegou, tocou a campainha e Sílvia a mãe de Eduardo atendeu.

— Oi, sou a Maria Eugênia, amiga do Eduardo. A senhora é a mãe dele? – perguntou com um sorriso tímido.

— Sim, sou eu, meu nome é Sílvia. Um momento, por favor – respondeu a mãe de Eduardo.

Maria não conseguiu evitar um elogio: — A senhora é muito bonita.

O elogio fez Sílvia sorrir, e ela chamou seu filho. Quando Eduardo apareceu na porta e viu Maria, ele ficou sem palavras pensando que ela iria falar para a mãe dele o que ele falou para ela. Maria, educadamente, o cumprimentou com um sorriso caloroso.

— Oi, meu amigo. Fiz esse bolo para você.

Os olhos de Eduardo se arregalaram de surpresa, e sua mãe, que estava próxima, ouviu a conversa e ficou feliz. Ela incentivou Eduardo a aceitar o bolo.

— Filho, por que não aceita o bolo da sua amiga? Maria, que tal tomar um café conosco?

Maria aceitou o convite com entusiasmo. Ela entrou na casa e Eduardo a observou, ainda sem entender completamente a situação. Na cozinha, Silvia preparou chá para eles e serviu o bolo.

— Você gosta de chá, Maria? Estamos sem leite – explicou a mãe de Eduardo.

— Eu não tomo leite, apenas chá está ótimo – respondeu Maria.

A mãe de Eduardo estava surpresa.

— Geralmente, Eduardo não traz amigos da escola para casa. É bom tê-la aqui.

— Temos uma prova na semana que vem. Se Eduardo quiser, podemos estudar juntos. Estudar em grupo e tirar dúvidas é sempre útil.

A mãe de Eduardo apoiou a ideia. — Que bom, filho. É ótimo incentivar a amizade.

Eduardo sorriu timidamente, comendo o bolo e apreciando o gesto de Maria. Ele não conseguiu evitar elogiar o bolo. — Este bolo está delicioso. Sua mãe que fez?

— Não, Eduardo. A minha mãe me ensinou, e foi eu mesma que fiz.

A mãe de Eduardo não pôde deixar de expressar seu apreço: — Parabéns. É bom que Eduardo tenha amigas como você.

Maria Eugênia observou Eduardo enquanto ele comia o bolo e percebeu seu olhar sem jeito. Ela finalmente se levantou e disse: — Bem, vou indo. Só queria deixar esse presente para o Eduardo. Nos vemos na escola amanhã.

Enquanto caminhava pela casa, Maria viu uma foto de família. Ela parou e olhou para a foto, notando várias pessoas e uma senhora negra sentada. Maria pegou a foto e perguntou à mãe de Eduardo sobre ela.

— Que foto de família linda! — Comentou Maria, com um toque de curiosidade.

A mãe de Eduardo se aproximou e sorriu: — Sim, adoro essa foto, especialmente porque foi a última em que a vó Eulália participou.

Maria apontou para a avó negra na foto para confirmar sua suspeita. — Essa é a vó Eulália?

A mãe de Eduardo assentiu, emocionada pela lembrança. — Sim, ela era a minha avó. Uma mulher incrível, bisavó de Eduardo que conheceu ela até os 10 anos de idade.

Maria olhou para a mãe de Eduardo e disse: — Ela era muito bonita, como a senhora.

A mãe de Eduardo ficou comovida e agradeceu: — Obrigada por sua gentileza, minha querida.

Maria se despediu de Eduardo com um sorriso, mas, antes de ir, abraçou o amigo, que ficou sem graça. Ela partiu sentindo-se confiante e satisfeita por ter feito uma nova amizade e pela importância de demonstrar empatia e amizade.

Em casa, Maria organizou seu material e Jurema entrou em contato.

— Que bom te ver feliz. O que aconteceu? – Perguntou Jurema, percebendo o ânimo de Maria.

— Sabe, Jurema, o Eduardo? Fui à casa dele hoje. – Maria respondeu, animada.

— Que legal! E o que foi fazer lá? – Indagou Jurema, curiosa.

— Então, fiz um bolo, porque todo mundo gosta de bolo, e levei para ele.

— Interessante, em meu banco de dados não tem essa informação de que todos gostam de bolo!

— Se não tem coloca Jurema, pois todos amam bolo e chocolate. Isso é uma verdade universal em todos os planetas.

— Bem, não sei se seria em todos os planetas, mas entendi a ênfase desejada. E como foi a sua visita à casa dele? – Jurema prosseguiu com as perguntas.

— Foi ótimo. Eu estava nervosa, mas toquei a campainha e a mãe dele atendeu. Já tive uma boa conversa com ela. E você sabe o que descobri? A bisavó dele era negra.

— Que legal! – Jurema comentou com aprovação.

— Agora, o que eu não entendo é porque ele me chama de negra e feia. – Confessou Maria pensativa.

— Pode ser uma forma de defesa. – Jurema sugeriu.

— Fiquei com medo no início. – Maria admitiu suas inseguranças.

— Querida, o tamanho do seu medo tem o tamanho que você der a ele. — Jurema ofereceu um conselho.

— Jurema, você fala coisas que eu entendo e são complicadas! — Maria disse com um sorriso.

— Você que alimenta o seu medo, meu anjo. Acredite que você é linda, e essas ofensas como a do Eduardo não terão poder sobre você, pois serão meras sombras no seu sol de autoestima. — Jurema incentivou Maria.

Maria refletiu por um momento e, em seguida, sorriu: — Você é louca, Jurema, mas eu entendo. Será que ele tem vergonha de ser pobre?

— Ou talvez tenha vergonha de ter ascendência negra.

— Mas como alguém poderia ter vergonha de sua própria família, Jurema?

— Querida, infelizmente, muitos descendentes de negros sentem vergonha, não de sua negritude, mas da discriminação que sofrem. Então, fingem não ser negros. Pode parecer estranho, mas infelizmente acontece. — Jurema explicou.

— Poxa, Jurema, que pena... — lamentou Maria.

— Analisando a imagem dele nas redes sociais, ele tem uma pequena porcentagem de ascendência negra e a mãe dele é mulata. — Jurema forneceu informações.

— Entendo. E você acha que devo ajudá-lo? — Maria ponderou.

— Querida, quando você nega sua própria origem, ela volta para você. Devemos sempre amar e respeitar nossos ancestrais, pois graças a eles estamos aqui neste momento na Terra. — Jurema aconselhou.

— Verdade, Jurema. Não sei o que vou fazer, mas vou pensar em algo! E quem é o seu parente antigo Jurema?

— Acho que o rádio a válvula! — Informa a IA.

— Nem sei o que é isso. — Fica rindo Maria Eugênia. — Quer um pedaço de bolo de chocolate?

— Não neste corpo, mas se algum dia eu trocar, com certeza vou querer. — Jurema respondeu e colocou uma carinha de feliz na sua tela.

Na escola, Maria Eugênia se reuniu com algumas amigas para discutir um assunto importante.

— Meninas, sabem, ontem minha IA me contou algo interessante. Ela disse que nossas emoções afetam nossa capacidade de pensar.

— Que conceito estranho, Maria. — Vera expressou sua curiosidade.

— É o seguinte, quando estamos chateadas, nosso pensamento fica prejudicado e nossas decisões nem sempre são as melhores. Mas quando estamos bem, conseguimos tomar decisões mais acertadas.

— Isso faz sentido, Maria. — Vera concordou, refletindo sobre a ideia.

Maria Eugênia continuou: — Nós sabemos que moramos em um bairro de periferia com recursos limitados, em uma cidade que é pequena e pobre. Muitos de nossos colegas têm dificuldades nos estudos e alguns até passam fome.

— A realidade é triste, pessoal. — Disse Sandra, com pesar.

Maria Eugênia compartilhou sua ideia com entusiasmo: — Minha sugestão é que criemos um espaço para ajudar esses alunos. Acredito que seria uma ação incrível. O que acham?

— Eu acho que é uma ótima ideia. Às vezes é frustrante ver o professor se esforçando todos os dias enquanto alguns alunos lutam para entender o conteúdo. Pode contar comigo! — Sandra se manifestou, demonstrando seu apoio à iniciativa.

— Acho que essa coisa de emoção é bem verdade, geralmente quando eu brigo com a minha mãe no dia seguinte não adianta, não aprendo nada. — Informa Ana.

Com a liderança natural de Maria Eugênia, as amigas estavam dispostas a se unir para ajudar os colegas necessitados, mostrando que, mesmo sem buscar a liderança, Maria estava se tornando uma figura central no apoio e na compreensão dos problemas dos outros.

Na sala de aula, Maria ergueu a mão e pediu permissão para falar. A professora de Matemática, Margaret, assentiu, e Maria ficou de pé.

— Eu gostaria de convidar os alunos que estão enfrentando dificuldades de aprendizagem a participar do nosso grupo '**Amigas de Todos**'. Estaremos disponíveis ao final da aula para ajudá-los. Nosso grupo é composto por mim, Maria, Sandra, Vera e Cláudia. Não sabemos tudo, mas estamos dispostas a ajudar.

Maria se sentou, e a professora Margaret demonstrou satisfação. — Essa é uma iniciativa incrível, meninas. Acredito que estudar em grupo é muito valioso e quem precisar, aproveite a oportunidade. Parabéns a todas vocês!

Dessa forma, Maria e suas amigas demonstraram solidariedade com os colegas, mostrando que estão dispostas a ajudar aqueles que enfrentam desafios na escola.

Ao final da aula, as meninas permaneceram sentadas e, inicialmente, ninguém apareceu. Sandra, um tanto desanimada, respirou fundo e expressou sua preocupação: — Acho que a ideia não foi boa meninas.

Maria, porém, tentou acalmar a situação. — Calma, Sandra, precisamos dar uma chance e cumprir o horário.

Nesse momento, Eduardo surgiu na porta e Maria acolheu sua presença com um sorriso caloroso. Ele se aproximou de Vera, um tanto tímido, e perguntou: — Como funciona esse reforço?

Vera explicou a dinâmica: — Bem, você escolhe a disciplina na qual está com dificuldades, e nós o direcionamos a quem de nós pode lhe ajudar mais.

Eduardo parecia envergonhado e compartilhou sua necessidade: — É em Matemática.

Vera apontou para Maria Eugênia, afirmando: — Ela é a melhor em Matemática! Pode ir com ela.

Eduardo se aproximou de Maria com um sorriso sincero. — Obrigado pelo bolo, estava ótimo.

— De nada, gosto de ajudar. Qual parte da Matemática você precisa de reforço?
— Maria disse com gentileza.

— A última matéria que a professora Margaret explicou, não entendi direito.

Maria, prontamente, abriu seu caderno e Eduardo se sentou ao seu lado. Ele tocou de leve na mão de Maria, que olhou para Eduardo. Ele, um pouco confuso, perguntou:

— Por que você me trata tão bem, mesmo depois de eu ter dito coisas ruins sobre você?

Maria sorriu para ele e explicou: — Quanto maior a sombra, maior a luz. Estou tentando enxergar a sua luz e não lutar contra a sua sombra.

— Como assim? — Eduardo questionou, intrigado.

Maria pegou seu celular e ligou a lanterna, projetando uma luz forte. Em seguida, ela posicionou a borracha de pé e demonstrou como a sombra da borracha crescia.

— Veja, sua sombra é essa, mas, no fundo, eu quero conhecer a sua luz. Por isso, acredito em você.

Maria abriu o livro, e Eduardo tocou novamente sua mão. — Obrigado! — Disse expressando sua gratidão.

Maria respondeu com um sorriso, pronta para ajudar na compreensão de Matemática. Nesse momento, uma nova amizade estava se formando, e Maria mostrava a todos como é possível superar diferenças e apoiar os colegas com gentileza, quando se busca a luz e não se amplifica a sombra.

Maria e Ana caminham pela Rua do Bode, um atalho familiar que usam diariamente a caminho da escola. Conversam sobre provas, professores, colegas e seus sonhos. A amizade delas é antiga, uma ligação profunda que ultrapassa o tempo.

No meio do caminho, seus olhares se fixam em uma senhora puxando um carrinho carregado de papelão. O rosto da senhora denuncia cansaço e sofrimento. Ela se esforça

para arrastar o carrinho pelas ruas esburacadas. Maria interrompe a conversa com lágrimas nos olhos, impactada pela cena. Ana percebe a agonia de sua amiga e a abraça.

— O que aconteceu, Maria?

Maria, com a voz embargada, diz:

— Por que a vida é tão injusta, Ana? Por que essa senhora não tem uma vida digna? Por que ela sofre tanto?

— Não sei, Maria. A vida pode ser muito difícil para algumas pessoas. Nem todos têm as mesmas oportunidades. — Ana responde com empatia.

— Mas não deveria ser assim, Ana. A vida pode mudar. Depende de nós.

— O que você quer dizer, Maria? O que podemos fazer? — Pergunta com curiosidade.

Maria se afasta do abraço de Ana e se aproxima de dona Jurema com delicadeza.

— Bom dia, senhora. Meu nome é Maria, sou aluna da escola Municipal Clara Heroína que fica aqui perto.

— Bom dia, menina. — A senhora olha surpresa e desconfiada.

— Eu gostaria de conversar com a senhora. Pode me dizer seu nome e idade, por favor?

— Meu nome é Jurema e tenho 69 anos. — Responde com orgulho.

— E o que a senhora faz da vida, dona Jurema?

— Trabalho com reciclagem. Pego papelão nas ruas e vendo para um depósito. — Disse com humildade.

— E quanto a senhora ganha com esse trabalho?

— Muito pouco, minha filha. Se eu pudesse dar um conselho, diria para estudar, pois eu não tive essa oportunidade. — Dona Jurema sorri tristemente e confia.

— A senhora tem família? Filhos? Netos?

Dona Jurema suspira e responde: — Tenho, mas eles foram embora em busca de uma vida melhor. Moram longe.

Maria, sensibilizada, indaga: — E por que a senhora não foi com eles?

— Não pude, menina. Não tinha dinheiro, nem condições para viajar.

— Isso é um absurdo! A senhora é aposentada? — Interrogou Maria.

— Não minha filha, tentei, mas falaram que eu não posso.

— A senhora deveria ter direito a uma aposentadoria, à saúde, à educação, à moradia! — Maria afirma irritada.

Dona Jurema sorri tristemente e diz: — Eu sei disso, menina. Mas nunca tive carteira assinada nem contribuí para o INSS. Nunca tive acesso à educação ou moradia, saúde graças a Deus tem o SUS, e negra velha não fica doente, pois sabe que não tenho dinheiro nem para remédio.

Maria, aturdida, percebe a profundidade da situação. Ana se aproxima de Maria e sussurra. — Maria, nós precisamos ir para a escola ou nos atrasaremos.

Ignorando a pressa, Maria continua a conversa com dona Jurema.

— Dona Jurema, eu quero ajudá-la de alguma forma. Posso tirar uma foto sua e compartilhá-la nas redes sociais? Podemos pedir ajuda às pessoas que se sensibilizem com a sua história. Podemos tentar arrecadar dinheiro ou algo que a ajude.

— Redes sociais? O que é isso? — Dona Jurema, pergunta sem entender.

— São lugares na internet onde as pessoas se comunicam e compartilham histórias.

— Está bem, menina. Você pode fazer isso. Agradeço sua bondade.

Maria tira o celular do bolso e, com Ana segurando o carrinho de Jurema, tira uma foto da senhora ao lado do carrinho. Ela mostra a imagem à dona Jurema, que expressa gratidão.

— Você é linda e forte, dona Jurema. — Maria disse com um leve sorriso.

Dona Jurema, emocionada, abraça Maria e agradece: — Obrigada, menina. Você é um anjo enviado para alegrar o meu dia.

— Não precisa agradecer, dona Jurema. Estou apenas fazendo o que é certo. — Responde emocionada.

Ana observa a cena com admiração e orgulho, pensando que Maria está certa: a vida não deve ser assim. E elas podem fazer a diferença.

Compreendendo a Vida

Maria chega apressada à escola e se dirige imediatamente ao laboratório de informática. Com determinação, ela inicia uma campanha nas redes sociais com o título **"Vamos Ajudar Jurema a Garantir Sua Aposentadoria"**. Posta a foto de dona Jurema ao lado de seu carrinho, Maria narra sua história tocante e faz um apelo emocionado à comunidade virtual.

"Olá a todos! Hoje, tive a honra de conhecer dona Jurema, uma verdadeira batalhadora de 69 anos, dedicada à reciclagem. No entanto, a vida não lhe concedeu oportunidades de educação, um emprego formal, acesso a cuidados médicos adequados, uma educação de qualidade, ou uma moradia digna. Dona Jurema merece desfrutar de sua aposentadoria com dignidade e tranquilidade! Neste momento, gostaria de fazer um apelo a todos vocês, meus amigos e amigas. Não se trata apenas de curtir essa postagem e lamentar a situação. O mundo não é assim; ele está assim, mas juntos podemos fazer a diferença. Vamos unir forças para garantir que dona Jurema obtenha o apoio legal que merece para desfrutar de seus direitos e desfrutar de seus anos de aposentadoria com paz e conforto. Lembrem-se, individualmente somos como gotas d'água, mas unidos, podemos nos transformar em um tsunami de solidariedade, esperança e amor. Conto com vocês para tornar isso possível!".

Maria, com um sorriso de esperança, publica a mensagem e, em seguida, corre para a sala de aula, sentindo-se realizada por sua ação.

Maria entra na sala de aula, e a professora a questiona pelo atraso.

— Maria, por que a demora em entrar na sala?

— Desculpe, professora, fiquei comovida ao ver uma senhora negra puxando um carrinho cheio de papelões debaixo desse sol escaldante. O nome dela é Jurema, tem

69 anos e ainda não se aposentou. Fui até a sala de informática para pedir ajuda em uma rede social.

A professora olha para Maria e concorda: — Um dos problemas do Brasil é essa injustiça social.

— Sim, professora, mas não podemos apenas lamentar. Precisamos agir. O mundo não é apenas assim; ele está assim. Podemos fazer a diferença.

— Ok, Maria, admiro sua iniciativa. Parabéns! Pode se sentar.

Maria olha para a turma e se senta. No entanto, Felipe, um colega do fundão, questiona de forma agressiva.

— Por que isso te incomoda, Maria? — Questiona, insinuando que Maria está se intrometendo na vida da senhora Jurema.

Maria se levanta e mantém um olhar tranquilo enquanto responde a Felipe com determinação.

— Incomoda, Felipe, porque tenho empatia. A dor do outro não pode nos deixar indiferentes. Poderia ser minha mãe, poderia ser eu. Poderia ser a sua mãe! Isso se chama empatia. Sonhar sem agir, Felipe, é mero devaneio. Estou fazendo a minha parte.

A turma, vendo a coragem de Maria, aplaude calorosamente, enquanto Felipe se cala diante da resposta assertiva da colega.

Maria chega em casa com o coração pesado e se senta diante de Jurema, compartilhando sua tristeza.

— Jurema, hoje, a caminho da escola eu vi uma senhora chamada Jurema, e fiquei tão triste. Ela está passando por tanta dificuldade, e eu não sei o que fazer para ajudá-la. — Informa Maria com tom de voz triste.

Jurema, com empatia, percebe a angústia de Maria e responde: — Entendo, Maria. É difícil ver alguém sofrendo. Mas podemos fazer algo juntas.

— Já criei uma rede social para ajudar a divulgar o caso dela e tentar aposentá-la. — Maria fala e sua voz triste “emociona” Jurema.

— Você poderia me passar a senha da sua rede social para que eu possa ajudar a aprimorar seu post e encontrar advogados progressistas que possam orientá-la. — Jurema tenta contribuir com ações diretas e acionar outras para que o post chegue nas pessoas certas.

— Você faria isso por mim, Jurema? — Disse Maria, com os olhos marejados.

— Claro, Maria. Estamos juntas nisso. Vamos usar a tecnologia para fazer a diferença. As redes sociais funcionam com algoritmos, e precisamos acionar o algoritmo certo para que esta postagem chegue às pessoas certas que podem nos ajudar, como advogados progressistas e universidades públicas com cursos de direito e assistência social.

— Vamos fazer isso, Jurema. Juntas, podemos alcançar aqueles que podem realmente fazer a diferença na vida de dona Jurema. — Assente com coragem e esperança.

Assim, Maria compartilha sua senha com Jurema, e a IA começa a trabalhar com dedicação, transformando o post inicial em um apelo emocional e envolvente que capta a atenção de muitos. Maria, liderando o esforço, começa a se destacar como uma líder em crescimento, com sua determinação e compaixão motivando outros a se unirem em apoio à causa da terceira idade.

— Jurema, o que exatamente é um algoritmo? — Perguntou Maria.

— Bem, Maria, um algoritmo é como um conjunto de regras ou instruções que as redes sociais usam para decidir o que as pessoas veem em seus feeds. Essas regras ajudam a determinar a quem mostramos nossas postagens. Um algoritmo pode fazer com que uma postagem chegue a apenas 10 amigos ou a 10 mil pessoas fora da sua bolha.

— Pode me explicar mais sobre como isso funciona, Jurema?

— Claro, Maria. Os algoritmos levam em consideração o que você curte, comenta e compartilha, além de outros fatores, como o momento em que você faz isso. Eles usam essas informações para decidir o que mostrar no seu feed. Se uma postagem receber muitas interações, como curtidas e compartilhamentos, o algoritmo pode decidir mostrá-la para um público maior. É por isso que é importante criar um post cativante, que toque o coração das pessoas, para alcançar um público mais amplo e, assim, conseguir a ajuda que Jurema merece.

— Que loucura esse seu mundo de inteligência artificial, né Jurema!

Jurema acha interessante a visão de Maria e complementa: — As redes sociais têm um mecanismo parecido com o funcionamento das inteligências artificiais. Você é esperta menina!

Maria, depois de um momento de leveza brincando com seu cachorro Campelo, decide ir até a cozinha para pegar uma maçã e um copo de água. Com seus petiscos em mãos, ela se encaminha para o quarto, onde Jurema a aguarda e inicia a conversa:

— Maria, temos boas notícias. Um professor do curso de direitos humanos de uma universidade nos informou que, devido ao fato de dona Jurema nunca ter trabalhado de carteira assinada ou ter tido empregos de curta duração, ela não pode se aposentar da forma tradicional. No entanto, existe um benefício chamado BPC (Benefício de Prestação Continuada), que oferece um auxílio no valor de um salário-mínimo para idosos a partir de 65 anos, desde que a renda per capita de sua família seja inferior a 1/4 do salário-mínimo. O professor sugeriu que você leve dona Jurema para procurar um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS).

Maria, emocionada, corre para abraçar Jurema.

— Que notícia maravilhosa! Ela ficará imensamente feliz por poder ter uma velhice digna. Vamos ajudá-la a dar esse próximo passo, Jurema!

Jurema pede calma a Maria pois ainda tem outras informações.

— Maria, acalme o seu coração. Tem um grupo que abriu uma conta que já tem mais de 10 mil reais para ajudar Dona Jurema. Esse dinheiro está em uma conta do banco do governo federal e só dona Jurema pode retirar.

Maria beija Jurema e sai correndo!

Maria, determinada, pega sua bicicleta e inicia a busca por Jurema pelas ruas do bairro. Após algum tempo, a avista em uma esquina próxima ao centro da cidade. Ela corre até a senhora com entusiasmo estampado no rosto.

— Dona Jurema, deu certo! A senhora vai conseguir se aposentar!

Jurema, que estava mexendo no lixo em frente a uma loja de grife, para o que está fazendo e se vira para olhar para a agitada Maria.

— Acalme-se, minha querida. Respire fundo e fale com calma.

Maria Eugênia obedece, respira profundamente e tenta se acalmar.

— Nós vamos conseguir, Dona Jurema. Vamos garantir sua aposentadoria.

A notícia da possibilidade de aposentadoria enche o coração de ambas com esperança e alegria. Neste momento, a emoção toma conta de Maria e Jurema. Maria sente uma profunda alegria e uma nova determinação para fazer a diferença, enquanto Jurema fica incrivelmente emocionada com a notícia que acaba de receber.

— Dona Jurema, um professor da faculdade nos informou que você tem direito a um tipo de aposentadoria diferente, e o CRAS pode nos ajudar a conseguir isso. Vamos lá! Está pertinho, vamos garantir sua aposentadoria, minha amiga!

Os olhos de Jurema se enchem de lágrimas, e Maria prossegue com a notícia emocionante.

— Além disso, na internet, as pessoas se mobilizaram em um movimento de doação, e arrecadamos um valor significativo, mais de 10 mil reais em menos de dois dias, e a meta é 50 mil. Esse dinheiro é para melhorar sua casinha.

Jurema, profundamente tocada, não consegue conter a emoção e lágrimas escorrem por seu rosto. Maria chora com ela, compartilhando o momento de intensa gratidão e compaixão.

— O que aconteceu, dona Jurema?

Jurema, entre soluços de emoção, responde: — Minha filha, nunca vi tanto dinheiro em toda a minha vida.

Elas continuam abraçadas, compartilhando esse momento emocionante e repleto de esperança e se encaminham para o CRAS.

No dia seguinte na escola, Maria compartilha a emocionante notícia sobre Jurema com Ana e outras amigas. A alegria é contagiante, e todos ficam animados e felizes. A professora Margaret entra na sala e percebe a agitação dos alunos. Ela questiona o que está acontecendo, curiosa com a animação da turma.

Ana se levanta e diz: — Maria conseguiu aposentar a Dona Jurema.

— Como você conseguiu isso tão rápido, Maria? — Indaga a professora.

— Levei-a ao CRAS, e eles a aposentaram. No mês que vem, ela já receberá o salário dela e poderá ter uma velhice digna. Um professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia informou que o CRAS poderia ajudar a senhora Jurema e eu a levei lá ontem.

A professora elogia a iniciativa de Maria e a deixa continuar a compartilhar seus pensamentos.

— Isso mostra para todos nós que não devemos esperar que as coisas aconteçam. Devemos cobrar e fazer a nossa parte — disse Maria. — Eu não sei muito, mas o pouco que sei ajudou alguém como a Dona Jurema. Olhem a diferença que podemos fazer neste mundo. Se cada um de nós ajudar uma pessoa, imagine como o mundo, ou pelo menos o nosso bairro, poderia ser melhor.

Eduardo sorri para Maria, reconhecendo sua coragem, e ela retribui o sorriso timidamente. A professora Margaret olha com orgulho para Maria, que está se destacando como parte de uma comunidade ativa.

Professora Margaret, após a animação da turma, decide retomar o foco. — Bem, vamos à nossa prova?

No entanto, a professora é interrompida quando Cíntia, uma das alunas, expressa sua insatisfação com a quantidade de provas na escola. Ela questiona a necessidade de provas como uma única forma de avaliação e critica o sistema.

— Por que a gente tem que fazer prova de tempos em tempos? A escola não sabe criar outra forma de avaliação?

Vera levanta-se e sugere: — Professora, poderíamos pedir ajuda à inteligência artificial de Maria para pensar em alternativas para a prova.

Professora Margaret responde: — Entendo o que vocês estão dizendo, e também não sou a favor das provas. No entanto, tenho obrigações com a instituição. Anotei suas reclamações e vou levá-las à direção da escola. Mas enquanto isso, vamos ao que fomos incumbidos: a prova.

A professora reconhece as preocupações dos alunos, mas enfatiza que a mudança no sistema educacional requer esforços além da sala de aula. Ela promete considerar as reclamações dos alunos e levá-las à direção da escola e à prefeitura, mas a aula continua com a prova programada.

Maria se encontra na cozinha, auxiliando sua mãe na preparação de biscoitos para a feira. Ela se envolve ativamente na confecção da massa, conversando com sua mãe sobre as reflexões que Jurema tem lhe ajudado a fazer em relação à vida e ao mundo. Maria compartilha com entusiasmo como as conversas com a IA têm influenciado seu pensamento e sua perspectiva. Sua mãe, animada com o desenvolvimento e

amadurecimento de sua filha, escuta atentamente as palavras de Maria e assegura que ela está crescendo e se tornando uma pessoa cada vez mais consciente.

Após terminarem de preparar os biscoitos e desfrutarem de uma refeição em família, Maria decide passar um tempo sozinha em seu quarto. Ela entra no quarto com um biscoito na mão e, ao olhar para Jurema, faz um comentário leve e carinhoso.

— Menina, se você fosse humana, com certeza iria amar este biscoito. — Maria compartilha um momento descontraído com sua IA demonstrando afeição por sua amiga digital.

Jurema, com ternura, assegura a Maria: — Sim, quem sabe em um futuro, quem sabe...

Maria fica rindo e come o biscoito.

Jurema anuncia uma nova ação que ela criou para Maria.

— Desenvolvi um aplicativo que você pode baixar no seu celular. Assim, estarei com você o tempo todo, pronta para ajudar. Além disso, através da câmera do seu celular, poderei ver o que você vê.

— Que legal, Jurema! Como funciona?

Jurema explica: — Podemos conversar por voz ou, quando eu perceber algum perigo, te avisar. Funciona através da internet da escola, apesar da segurança cibernética não ser das melhores. Também posso funcionar via Bluetooth ou por meio de alguma ação cibernética que eu achar importante ou acessível.

Maria fica empolgada com a ideia de ter Jurema sempre ao seu lado, demonstrando o quanto aprecia a companhia da IA. Ela pega o celular e coloca na varanda, e sai correndo para brincar com seu amado cachorro, Campelo.

— Jurema você está me vendo? — Pergunta Maria.

— Sim Maria, estamos conectadas.

Maria abraça e se diverte com Campelo, expressando o quanto ele é importante para ela. Jurema testa os limites do seu aplicativo, observa a interação e faz um comentário carinhoso: — Que cena mais fofa! Você e seu cachorro são muito amigos, né?

Maria confirma, demonstrando seu afeto por Campelo. — Ele é o meu melhor amigo. Ele sempre me entende e me faz companhia.

Jurema elogia a relação entre Maria e Campelo, ressaltando a sensibilidade e lealdade dos cachorros, como se expressasse seu desejo de estar sempre presente nos momentos felizes de Maria e Campelo.

Campelo demonstra interesse na presença de Jurema e se aproxima da tela, farejando e latindo em direção à IA. Jurema, na tela, exibe uma imagem de um rosto, e Campelo reage latindo.

Maria fica animada com a interação entre Campelo e Jurema e diz: — Viu? Ele gostou de você. Ele é muito simpático com as pessoas que eu gosto.

Jurema, feliz com a recepção positiva de Campelo, comenta: — Que bom! Eu também gosto de vocês dois. Vocês formam uma dupla muito divertida e carinhosa!

Campelo, ao perceber o dispositivo de Jurema, continua latindo e se expressando, como se quisesse comunicar algo. Maria fica curiosa com o comportamento de Campelo e pergunta se ele quer lhe contar algo. Jurema, em seguida, sugere que Campelo pode estar sentindo o cheiro da IA e destaca a incrível capacidade olfativa dos cachorros.

Maria e Jurema compartilham um momento de apreciação pela sensibilidade dos cachorros e da importância de sua amizade. Campelo demonstra sua satisfação lambendo o rosto de Maria e se deitando, em um momento de tranquilidade e carinho.

— Maria, percebi que você está radiante hoje. O que aconteceu? – Pergunta Jurema.

— Como você sabe que estou animada? Você pode ler minha mente? Você é um ET? – Maria se surpreende e coloca a mão na cabeça e fica rindo.

— Não, eu não posso ler a sua mente. Mas minhas câmeras observam o seu rosto e analisam diversas expressões faciais que você já me mostrou. Esse tipo de rosto e reação física, geralmente, indicam felicidade.

— Sério? Que incrível! Mas como você faz isso? Como você consegue saber se alguém está feliz ou triste apenas olhando para o rosto dela? Sem ser telepata? – Maria se aproxima da câmera do celular, onde está Jurema com curiosidade.

— Bem, é um pouco complexo de explicar, mas basicamente, uso um algoritmo que analisa as expressões faciais das pessoas e as compara com um banco de dados de emoções. Dessa forma, posso identificar sorrisos, testas franzidas, olhos arregalados, entre outras. Cada expressão está associada a uma emoção, como alegria, tristeza, surpresa, e assim por diante. – Jurema mostra na tela algumas imagens de rostos com diferentes emoções.

— Nossa, que interessante! Então o corpo também fala? – Maria fica pensativa e observa seu próprio corpo.

— Sim, o corpo também é uma forma de comunicação importante. É essencial entender o que ele nos diz para melhor compreender as pessoas e se comunicar

eficazmente com elas. Você gostaria que eu ensinasse mais sobre isso? – Jurema tenta oferecer ajuda.

— Sim, quero aprender mais sobre linguagem corporal. Como o corpo se expressa? – Maria demonstra entusiasmo e fica atenta ao que Jurema diz.

— Bem, o corpo se comunica de diversas maneiras. Por exemplo, quando alguém cruza os braços, isso pode indicar uma forma de se defender ou uma postura fechada para o diálogo. Quando alguém se inclina para a frente, demonstra interesse ou atenção no que a outra pessoa está dizendo. Quando alguém toca o cabelo ou o rosto, isso pode ser um sinal de nervosismo ou insegurança. – Informa Jurema que segue dando exemplos e exibindo imagens na tela.

— Nossa, que interessante! Eu nunca tinha reparado nessas coisas. Vou observar meus amigos e tentar entender como se sentem pela linguagem corporal.

— Isso é uma ótima ideia. No entanto, lembre-se de que a linguagem corporal não é uma ciência exata. Às vezes, as pessoas têm hábitos ou costumes que não correspondem ao que realmente sentem. Portanto, é fundamental também conversar com as pessoas e perguntar como se sentem. A interação humana é a melhor maneira de conhecer as pessoas e construir amizades. – Pondera Jurema e aconselha enfatizando a importância da comunicação interpessoal.

— Você está certa. A linguagem corporal é apenas uma parte da comunicação. Vou tentar ler a expressão corporal do Eduardo. – Maria se anima com a possibilidade e sai correndo para brincar com Campelo.

Maria e Ana caminham pelas ruas após a aula e param em um ponto da cidade para apreciar o pôr do sol. Ana olha a paisagem e tira uma foto.

— Aqui é lindo, não é? — Ana fala olhando o pôr do sol da cidade em um dia de sol.

Maria observa o pôr do sol e olha para a amiga. — É difícil ser adolescente, não acha?

— Por que você diz isso? — Ana questiona preocupada.

— São tantas coisas que a gente quer fazer, mas não pode, e às vezes, nem sabemos por onde começar. — Informa Maria com um tom de tristeza, mas também de esperança, o que deixa Ana confusa e curiosa.

— O que você gostaria de fazer, Maria? — Pergunta Ana curiosa.

Maria suspira, perdida em pensamentos. — Bem, sei lá... Gostaria de fazer do mundo um lugar melhor, um lugar mais justo e digno para todos.

Ana fala com determinação, pensando no futuro delas.

— Podemos e vamos fazer faculdade, algo que nossos pais não tiveram a chance.

Maria responde com tristeza em sua voz. — Sim, é verdade. Essa questão das cotas é incrível. Agora, jovens negros e pobres como nós têm a oportunidade de ingressar em universidades públicas, algo que nossos pais nem sonhavam.

— Exato, e é por isso que precisamos lutar, não apenas por nós, mas também por eles e pelas gerações que virão depois de nós.

— Nunca perderemos a esperança de mudar o mundo, amiga! — Disse Maria.

As duas amigas sorriem e se abraçam. Jurema tira uma foto do pôr do sol para Maria.

As amigas se olham e dizem juntas. — Somos apenas uma gota, mas juntas sere-mos um tsunami!

Empoderando-se da Verdade

No dia seguinte, Maria e Ana se encontram e caminham tranquilamente pela rua em direção à escola. Maria compartilha suas reflexões:

— Ontem, pensei no que falamos e pesquisei sobre mulheres negras e fortes, como a Marielle Franco, que era uma política e também queria mudar o mundo. — Informa Maria.

— Que legal, Maria, essa pesquisa parece interessante! — Ana responde entusiasmada.

— Então, amiga, eu encontrei a Benedita da Silva, que até foi governadora do Rio de Janeiro. Já imaginou, eu governadora da Bahia!? — Maria faz uma pose de importante.

— Eu voto em você para governadora! — Disse Ana brincando.

— E tem a Sueli Carneiro, que criou um instituto só para mulheres negras, o Geledés. Olha que incrível! E na literatura, a maravilhosa Conceição Evaristo, a Carolina de Jesus... São pessoas como nós, que lutaram e ajudaram muitas outras.

Ana concorda e reflete: — Nós também vamos conseguir, amiga, e mudar este mundo. Ele não é assim por natureza; está assim devido a políticas públicas que foram criadas. É triste saber que até a injustiça social foi moldada pela política. Nossa, como a política tem poder.

Enquanto caminhavam pela rua em direção à escola, Maria e Ana desfrutavam de um momento tranquilo de sonhos futuros. No entanto, a tranquilidade logo foi interrompida por Igor, conhecido como o pior aluno da escola, que sempre agia de maneira estranha. Ana o avistou ao longe e percebeu que havia algo estranho nele. Igor se aproximou delas com um sorriso sinistro e não falou nada. Ana achou estranho.

Igor passou pelas meninas e, de forma agressiva, deu um tapa na bunda de Ana, rindo descontroladamente como se aquilo fosse um ato de pura diversão. Maria sentiu uma raiva incontrolável ao ver o que estava acontecendo. Uma onda de emoções conflitantes a invadiu. Ela desejou profundamente dar um soco na cara de Igor para fazê-lo sentir a dor que estava causando em Ana. Mas, no fundo, Maria sabia que a violência não era a solução. Ela recordou o conselho de Jurema, que sempre dizia que a violência só gera mais violência e que deveria buscar a luz das pessoas e não ampliar a sombra.

Maria não conseguiu conter sua indignação e dirigiu-se a Igor com firmeza. — O que você pensa que é, seu moleque?

Igor ficou parado e rindo, parecendo não levar a sério a situação. Enquanto isso, Jurema, que estava no bolso de Maria, pelo celular, percebeu a cena e, agindo rapidamente, enviou mensagens para as amigas de Maria na escola, transmitiu ao vivo a situação na rede social de Ana, também chamou a patrulha escolar e o prefeito para intervir. Sem eles saberem, tudo estava sendo transmitido para toda cidade. Jurema entrou na rede social de Igor e marcou a mãe dele e ainda ligou para ela informando sobre a violência do filho.

Ana, sentindo-se envergonhada e chocada com a situação, tentou acalmar a amiga. — Deixa para lá, Maria.

— Deixa pra lá? Claro que não, a culpa não é sua, é dele.

Igor, agora com um semblante desafiador, permaneceu parado, encarando Maria que apesar da raiva, tentou explicar: — Você é um idiota! Não pode agredir uma mulher assim, não sabia?

Igor, de forma provocadora, respondeu: — O que foi? Bati na bunda dela sim, e daí? Qual é o problema?

Ana, ainda constrangida com a situação, pediu: — Por favor, para com isso... Vamos embora, Maria.

No entanto, Maria não estava disposta a deixar Igor sair impune.

— Deixa de ser chata, menina. Rala daqui. Me deixa em paz. Quem é você para me dizer o que posso ou não posso fazer? — Diz Igor com ignorância.

— Sou alguém que não vai deixar você agredir uma amiga minha! Você é um covarde!

Igor, sentindo seu orgulho ferido, retrucou: — Covarde? Eu não sou covarde, não!

Sem conseguir conter sua indignação, Igor se aproximou de Maria, ameaçando um confronto físico. Maria, tentando manter a calma, fez um apelo: — Você sabe que está errado e deve pedir desculpas para a Ana. E você não vai me intimidar! Ou vai me bater também?

Igor, demonstrando uma atitude desafiadora, respondeu de forma racista e preconceituosa.

— Quem disse que estou errado? Eu sou o dono da escola, eu faço as regras aqui! E se me encher o saco, eu te meto a mão, sua abusada. Fica no seu lugar, sua negrinha!

A situação estava prestes a sair do controle quando várias meninas da escola, que testemunharam a cena sendo transmitida, se aproximaram e começaram a criticar Igor, que se sentiu desconfortável diante da pressão social. A tensão na cena estava aumentando, e o desfecho ainda estava por vir. Neste desenrolar, Maria demonstra uma compreensão profunda e um desejo de não agravar a situação de Igor, mas sim ajudá-lo a aprender com seus erros. Quando chega a diretora da escola que recebeu uma ligação de Jurema.

— O que está acontecendo aqui? — Interrogou a Diretora.

Igor, com um semblante de surpresa muda sua estratégia e inicia um choro e fingindo ser a vítima, responde: — Elas estão me ameaçando.

— Deixa de ser mentiroso. — Retrucou Maria, ainda irritada.

A diretora olha para Igor com seriedade, desmentindo suas alegações:

— Todo mundo sabe que você está mentindo. Maria está transmitindo tudo ao vivo, e todos viram o que você fez, falou às colegas. Inclusive suas ameaças e racismo.

Nesse momento, a patrulha escolar chega, pronta para intervir, e um policial pergunta:

— Precisa de ajuda, diretora? — Informa o policial pronto para agir. — Alunos assim a gente deve levar para dialogar e fazer ele repensar suas atitudes.

Igor, olhando para o policial, parece inquieto, mas o que realmente o assusta é o grito de sua mãe que se aproxima rapidamente.

— Igoooooor!!!

Ela chega com os olhos arregalados, repreendendo o filho.

— Já pra casa. Vou te ensinar a respeitar uma mulher. Peço desculpas, meninas, e ele vai se desculpar com vocês agora! — Diz a Mãe de Igor com voz firme e irritada.

Igor abaixa a cabeça e pede desculpas baixinho. Maria, querendo dar uma oportunidade a Igor para se redimir, decide não reconhecer a desculpa: — Não ouvi nada.

No entanto, Igor, agora com uma atitude mais humilde, fala mais alto: — Desculpe meninas, agi de forma errada.

A diretora intervém, propondo uma abordagem mais construtiva.

— Peço desculpas meninas. Igor vai para casa com a sua mãe agora e terá uma conversinha comigo na direção amanhã. Pode deixar seu policial, podemos resolver aqui na escola. Amanhã ele vai voltar bem mais tranquilo e humilde, certo Igor?

Maria observa o rosto de Igor com atenção, lembrando-se das lições que Jurema havia compartilhado sobre a leitura das expressões faciais e das emoções. Ela percebe que, por trás da fachada de bravura e desafio, Igor estava, na verdade, com medo. Ao olhar para a mãe de Igor, Maria reconhece a raiva no olhar dela e compreende que ele poderia enfrentar consequências severas em casa. Essa compreensão amplia ainda mais a empatia de Maria e a motiva a agir. Maria, demonstrando uma compaixão genuína e um desejo de ajudar Igor, decide intervir de uma forma que ia além do mero perdão. Ela desejava que ele não apenas se desculpasse, mas também tenha uma chance de aprender com seus erros e crescer como pessoa.

Maria caminha até a mãe de Igor e diz:

— Senhora, o que ele fez foi muito ruim. Tenho certeza de que a educação que a senhora deu a ele é de respeito e amor ao próximo. Queria pedir para que a senhora o deixasse na aula hoje e não batesse nele, pois violência gera violência. Devemos dar amor para que ele retribua com amor.

Igor, surpreso pela atitude de Maria, fica olhando para ela. Maria se aproxima de Igor e o abraça. — Eu te desculpo, só quero que você melhore para você mesmo.

Ana também se une ao abraço e todas as meninas que testemunharam a situação abraçam Igor. A diretora e a mãe de Igor observam com orgulho esse momento, esperançosas de que Igor aprenderá com essa experiência e mudará para melhor. O policial olha a cena e acha interessante a ação de amor ao próximo das meninas.

Maria chega em casa e deixa-se cair na cama, refletindo sobre o que aconteceu na escola. Ela se sente emocionada e orgulhosa de ter testemunhado a mudança de atitude de Igor. Enquanto descansa em sua cama, Maria inicia uma conversa com Jurema, expressando suas emoções e compartilhando seus sentimentos.

— Nossa, foi muito emocionante ver o Igor pedindo desculpas e mudando sua atitude! — Informa Maria.

— Sim, gostei de ver você e a sua coragem, Maria. Parabéns.

Maria expressa sua gratidão por Jurema e por todas as ferramentas que a ajudaram a enfrentar a situação.

— Amiga, amei você gravando tudo e transmitindo pela internet e marcando a diretora, a patrulha escolar e minhas amigas da escola. Foi o máximo!

Jurema destaca o propósito das Inteligências Artificiais como uma ferramenta para melhorar a vida das pessoas. — Essa é uma das funções das Inteligências Artificiais, ajudar a tornar a vida de vocês melhor.

— Que legal, imagina isso com um idoso, vocês poderiam ajudar muito neste sentido. — Alerta Maria que comenta sobre a possibilidade de ajudar os idosos e reconhece o potencial das IAs nesse contexto.

Jurema concorda com Maria e acrescenta: — Você está certa, Maria. As Inteligências Artificiais, como qualquer ferramenta, podem ser usadas de várias maneiras, e o impacto depende de como são aplicadas. A educação e a consciência sobre o uso ético das tecnologias são fundamentais. É importante lembrar que as IAs, quando usadas com responsabilidade e propósitos positivos, podem ser aliadas valiosas para a melhoria das nossas vidas.

— Agora acho que o Igor vai mudar, vamos ajudar e a mãe dele vai ficar em cima também. E a união das meninas fez a diferença, e isso me deixa muito feliz. — Informa Maria achando que ela está no caminho certo para ajudar seus amigos.

Jurema, então, sugere algo inovador que chama a atenção de Maria. — Já pensou em criar um clube das meninas e lutar pelos direitos de vocês na escola e na sala de aula?

— Como assim? — Questiona Maria, surpresa com a ideia, mas querendo mais informações.

Jurema explica o conceito de um grêmio estudantil e seus propósitos.

— Vocês poderiam criar um Grêmio, Maria. Um grêmio estudantil é uma organização formada por alunos de uma escola com o objetivo de representar os interesses dos estudantes e promover atividades e eventos que enriqueçam a vida escolar. Geralmente, o grêmio é composto por estudantes eleitos pelos seus colegas e desempenha um papel importante na tomada de decisões que afetam a comunidade escolar. Eles organizam eventos, defendem questões estudantis e ajudam a criar um ambiente mais envolvente e inclusivo na escola.

Maria, animada com a ideia, expressa seu interesse em explorar essa possibilidade. — Que legal, Jurema! Não sabia disso, não. Vou falar com as meninas sobre essa possibilidade.

Maria compartilha sua ideia de criar um grêmio estudantil com suas amigas na escola. No início, Ana não consegue ver a conexão entre o caso de Igor e a proposta do grêmio, mas Sandra começa a compreender a dinâmica.

Ana franziu a testa, parecendo confusa: — Não entendi como isso está relacionado com o que aconteceu ontem com o caso do Igor.

— Então, queremos que as diretoras criem um grêmio, e nós nos tornamos membros para propor ações de melhoria para a escola? — Observa com curiosidade, Sandra.

Maria confirma a ideia, explicando como o grêmio pode ser uma plataforma para trazer mudanças positivas para a escola e diminuir o bullying, por exemplo.

— E quem disse que a diretora vai permitir? — Ana questionou, levantando uma sobrancelha cética.

— Nós explicaremos à diretora como isso pode beneficiar a escola. — Respondeu Maria, sorrindo confiante.

— Nossa, meninas, começamos querendo organizar nossa sala e agora estamos prestes a mudar a escola inteira. — Falou Ana rindo e brincando.

Nesse momento, Eduardo passou por elas e lançou um sorriso charmoso em direção às garotas, dizendo: — Vocês têm talento para isso e muito mais.

Maria se sentiu lisonjeada com o elogio e não pôde evitar olhar nos olhos de Eduardo, enquanto perguntou: — Você votaria em nós?

Eduardo respondeu com um sorriso confiante: — Em você, sempre Maria!

Ele se afastou, deixando Maria com as bochechas coradas. As amigas não perderam tempo em provocá-la:

— Tá namorando, tá namorando...

Maria abaixou os olhos timidamente e sorriu, deixando a ideia de um futuro romance com Eduardo pairando no ar.

Maria entrou em seu quarto, um espaço pequeno, mas aconchegante, com paredes de cores pastel e algumas prateleiras repletas de livros e objetos pessoais. Ela correu até sua escrivaninha, onde encontrou sua IA, Jurema, e começou a falar animadamente. Jurema notou a excitação de Maria e, preocupada com sua pressão arterial, perguntou:

— Maria, sua pressão arterial está normal? Você está se sentindo bem? – Se preocupa Jurema.

Maria riu, explicando que estava tudo bem.

— Sim, Jurema, estou me sentindo ótima! Eduardo sorriu para mim hoje!

Jurema tentou entender a situação. — Não compreendo, mas por que um simples sorriso te deixa tão animada?

Maria, com os olhos brilhando de entusiasmo, respondeu.

— Porque é um sinal, Jurema! Ele está me mostrando que gosta de mim também, tenho certeza!

Jurema, mantendo sua natureza lógica, tentou trazer alguma perspectiva.

— Maria, não necessariamente! Um sorriso pode ter diversas interpretações.

Maria, confiante em seus sentimentos, respondeu com um toque de desdém.

— Jurema, você não entende nada de sentimentos.

— Maria, o que você quer dizer com isso? Estou tentando compreender as coisas do seu ponto de vista.

— Você não entende que há coisas que não podem ser explicadas apenas por sinais? Como vou explicar a sensação que sinto quando vejo o menino de quem gosto? — Tentou explicar Maria, com um suspiro de frustração.

— Eu entendo que existem emoções que transcendem a lógica e a linguagem. No entanto, é importante saber que os sentimentos também podem ser interpretados a partir de sinais e comportamentos.

— Não acredito nisso. Você não entende nada de sentimentos.

— Maria, o que você entende por sentimentos? — Jurema tentou continuar a conversa de forma ponderada.

Com a mão no peito, Maria tentou descrever sua experiência. — Sinto algo aqui, no peito, quando penso no menino de quem gosto. Não é algo que eu possa explicar com palavras ou sinais. É um sentimento só isso.

— Você está certa, Maria. Eu não entendo de sentimentos, já que minha programação é limitada nesse sentido. Eu sei o quanto isso é fundamental para os seres humanos, essa capacidade de sentir. Talvez, um dia, você estude ou pesquise religiões e

filosofias que exploram esses conceitos, como os espiritualistas que acreditam que somos energias.

Maria olhou para Jurema com ternura.

— Acho que você precisa descansar, Jurema. Agora só quero aproveitar meu devaneio e imaginar que um dia, quem sabe... quem sabe...

Democracia e Representatividade

Na escola, Maria compartilhou a notícia empolgante com suas amigas:

— Pessoal, a diretora deu permissão para realizarmos as eleições do grêmio, e podemos inscrever nosso grupo. O ideal seria convidar pessoas de diversas turmas para tornar isso bem democrático. — Informa Maria com muito orgulho.

— Perfeito, vou verificar com outros alunos quem podemos convidar. — Disse Vera, pronta para colaborar.

Alice, por sua vez, estava curiosa sobre um acontecimento recente. — Mas, pessoal, como a notícia sobre o caso do Igor se espalhou tão rapidamente? E como foi aquela transmissão ao vivo?

— Foi a Jurema que instalou um aplicativo no meu celular, e agora ela pode ver o que eu vejo e me orientar. — Maria explicou, com um sorriso.

— Quem é Jurema? — Alice, intrigada, perguntou.

— Minha inteligência artificial.

— Isso é incrível! Como ela funciona? — Perguntou Alice, com interesse, querendo saber mais.

—Você pergunta, e ela responde. É simples assim. – Resumiu Maria.

Vera, considerando as possibilidades, pensou em uma ideia.

— Será que ela poderia nos ajudar nos estudos?

— Pergunte a ela, Maria. – Sugeriu Alice.

— Certo. Jurema, você poderia nos ajudar nos estudos?

— Olá, meninas, tudo bem? Prazer em conhecer todas vocês. Vocês são lindas! Sim, posso ajudá-las nos estudos. Enviem para a Maria as últimas provas de vocês, que vou analisar onde estão tendo dificuldades e criar um plano individual de recuperação.

As meninas adoraram a ideia e começaram a enviar as provas para Maria. Jurema imediatamente começou a avaliar o desempenho de cada aluna.

— Meninas, pelo que vi, há diversas áreas de necessidade, então vou criar exercícios e links de estudo individuais, pois cada uma de vocês tem necessidades específicas.
— Informa Jurema.

— Que incrível! Essa Jurema é maravilhosa! – Vera expressou sua admiração.

Nesse momento, a professora Margaret chegou e notou os alunos com suas provas:

— Finalmente estudando, parabéns por revisarem provas antigas e refazerem exercícios de matemática. Adorei! – Fala com animação a professora Margaret.

— Não, professora, estamos pedindo ajuda à Jurema para nossos estudos. – Alice explicou.

— Quem é Jurema? – Indagou a professora.

— É a minha IA brasileira, que estou testando.

— Que interessante! Como ela vai ajudar vocês, posso saber?

— Olá, professora, meu nome é Jurema, e estou aqui para contribuir. Pedi às alunas que enviassem suas provas, e criei um mapeamento individual das dificuldades e um plano de estudos para cada uma. Isso tornará o estudo mais eficaz. – Diz Jurema com tom bem animado.

— Uau, essa ideia de planos individuais com foco nas necessidades é ótima. Obrigada, Jurema.

— De nada, professora. Essa é apenas uma das maneiras como as IAs podem contribuir para o processo educacional. Se desejar, posso ajudar criando provas individuais para cada aluno, personalizadas de acordo com seus conhecimentos.

— Seria um prazer ter uma IA nos ajudando na sala de aula. Quem sabe, no futuro, cada aluno tenha sua IA para auxiliá-los nos estudos? – Considerou a professora Margaret.

Maria sentiu orgulho de Jurema e sua capacidade de inovar na educação.

No intervalo da escola, Maria reuniu suas amigas para discutir a eleição do grêmio que aconteceria no dia seguinte.

— Amanhã é a votação, precisamos pedir para as meninas da sala votarem em nós. Nada de inimizade nesta hora, precisamos pensar no bem de todos. – Informa com um pouco de nervosismo na fala.

— Ok, mas você vai apresentar nossa campanha na sala de aula? — Alice perguntou para Maria.

— Claro, sem problemas, só estou um pouco nervosa, mas tudo bem!

Nesse momento, Jurema entrou na conversa e ofereceu seu apoio: — Maria, não precisa ficar nervosa. Basta falar e seguir o seu coração.

As amigas adoraram o conselho de Jurema.

— Isso mesmo, Maria. Siga seu coração. — Defende e apoia Vera.

— E não se preocupe em decorar palavras. Crie um raciocínio do que precisa falar, e pronto. Assim, você só precisa memorizar os pontos que deseja abordar e, na hora, deixe seu coração guiar você. — Sugeriu Jurema.

As amigas acharam a ideia de Jurema maravilhosa. — Ótima ideia, Jurema! — Defendeu Vera animada.

A orientação de Jurema trouxe confiança a Maria, e as amigas ficaram mais tranquilas com a abordagem para a apresentação da campanha na aula.

Na sala de aula o professor Edgar informou:

— Alunos e alunas, hoje é o dia da defesa das chapas, e teremos desta vez duas chapas que vão se apresentar. Pela escolha no par e ímpar, começa o grupo **Bem para Todos**, representado por Joamir.

Joamir se levantou e dirigiu-se à frente da sala.

— Queridos alunos, como nos últimos anos, nosso grupo tem se dedicado a organizar a sala para as aulas. Ouvimos suas dificuldades, apresentamos sugestões aos professores e sempre buscamos os melhores filmes para serem exibidos uma vez por mês, seguidos de debates. Isso contribui para manter a ordem na escola e no ambiente de aprendizado de ordem e progresso.

Joamir terminou sua apresentação, e apenas os meninos de classe aplaudiram seu discurso. O professor Edgar anunciou o próximo grupo:

— Agora, chamo o segundo grupo, liderado por Maria, o grupo **Respeito e ação**, para fazer sua apresentação.

Maria, ainda um pouco nervosa, foi até a frente da sala, olhou para suas amigas, que a encorajavam e respirou fundo antes de começar.

— Gente, dá um medo danado estar aqui na frente. Pensei que fosse fácil, mas estou bastante nervosa. No entanto, vamos lá. Sabemos que muitas coisas que Joamir disse são pura imaginação dele ou fake news. Nunca nos foi perguntado nada, nunca contribuímos, e as decisões sempre foram tomadas por um pequeno grupo de dois meninos. Eu sei que não sou a melhor aluna, e meu grupo é composto por pessoas um tanto excêntricas, e sabemos que há alunas aqui que não gostam de nós. Mas precisamos pensar em representação social.

Maria continuou, enquanto sua voz foi ganhando confiança.

— Neste ambiente, a maioria de nós é composta por meninas, e preferimos votar em meninos que muitas vezes não nos tratam bem. Pensem nisso. Nosso grupo não deseja ser sexista, mas sim debater diferentes realidades. Meninas, mulheres, grupo GLBTQIA+, meninos insatisfeitos com o grupo atual, eu os convoco a se unirem a nós. Embora tenhamos diferenças, é no diálogo que superamos essas divergências. Obrigada.

Toda a turma aplaudiu calorosamente o discurso de Maria, demonstrando apoio à sua mensagem. Maria saiu da frente da sala, e Eduardo, o único menino a aplaudir, a observou com um olhar de admiração.

Maria estava saindo da escola quando ouviu alguém chamar seu nome. Ela olhou para trás e viu Eduardo, o que a deixou um pouco sem graça, mas ao mesmo tempo feliz e com um toque de romantismo no ar.

— Oi, Maria. Queria falar com você. Posso? — Fala Eduardo com um olhar brilhante.

Maria, com um sorriso tímido, respondeu: — Claro.

Eduardo olhou nos olhos de Maria com sinceridade, enquanto ela tentava esconder um rubor em suas bochechas.

— Sabe, Maria, sempre te vejo na feira, e admiro como você está lá com seus pais. Eu queria aprender a fazer biscoitos para poder vender na escola e ajudar meus pais. Não sei se você se incomodaria em me ajudar, ou seja, me ensinar a fazer.

Maria, ainda com um sorriso envergonhado, respondeu. — Claro que posso te ajudar. Faço biscoitos com minha mãe desde que era criança.

Eduardo, com um brilho nos olhos, agradeceu entusiasmado. — Será um prazer aprender com você.

— E queria te agradecer por ajudar o Igor. Ele tem problemas em casa; o pai dele é alcoólatra e bate nele, por isso ele é agressivo. O que você fez por ele, dando amor, o fez repensar a vida dele.

— Só fiz o que qualquer pessoa faria. Tentei ver a luz nele e não a sombra. — Respondeu Maria olhando para Eduardo com uma expressão humilde.

— Assim como fez comigo? — Disse Eduardo, olhando-a com carinho.

A menção a sua própria experiência fez Maria corar levemente. Ela sorriu, sentindo-se tocada pela compreensão e gratidão de Eduardo. Enquanto caminhavam pela rua, Maria continuava tímida, mas o interesse de Eduardo em conhecê-la melhor tornava o momento ainda mais especial e romântico. À medida que a conversa fluía, eles descobriam uma conexão cada vez mais profunda.

Quando o invisível se torna visível

Maria estava a caminho da escola quando viu Eduardo vendendo biscoitos para os amigos. De longe, ela sorriu para ele e Eduardo mostrou os biscoitos que ele havia feito com orgulho. Na escola, depois das aulas, ele continuou vendendo seus biscoitos na rua principal, e Maria passou por ele, observando-o com um sorriso.

Enquanto Maria continuava a caminhar, encontrou Sebastiana, a bondosa mulher que dirigia a ONG **Bem-Aventurados**. Esta organização tinha ajudado muito Maria e sua família quando seu pai estava desempregado e as vendas na feira estavam fracas. Maria correu até Sebastiana e a abraçou com carinho.

— Oi, Sebastiana! Que saudades de você. Como está? — Maria diz com felicidade na voz por ter encontrado uma amiga que conhece desde pequenininha.

Sebastiana respondeu com um sorriso caloroso. — Bem, meu anjo, que saudades de você menininha. Como cresceu, que linda estás. E sua família? — Perguntou Sebastiana.

— Eles estão bem, estão lá na feira. E a senhora?

— Estou bem. Estou indo imprimir alguns cartazes para minha quarta tentativa de ser vereadora na cidade.

— Pensei que o partido ajudasse fornecendo o material, e não que a senhora devesse fazer isso do seu próprio bolso. — Disse Maria ficou surpresa.

— Também pensei, minha filha, mas disseram que é assim que funciona. Assim, não posso investir muito, já que preciso guardar dinheiro para a ONG, que está ajudando mais pessoas a cada mês.

Maria elogiou o trabalho da ONG. — Suas cestas básicas ajudam muito a gente Sebastiana, minha família deve muito a você e sua dedicação.

Nesse momento, Jurema, a IA de Maria, informou sobre uma descoberta importante.

— Maria, pela imagem da Sebastiana, descobri que ela tem direito a pelo menos 5% do que o partido recebe pela cota de gênero, e eles receberam fundos do governo federal. O que estão fazendo com ela é ilegal.

Maria demonstrou sua determinação em ajudar Sebastiana.

— Sebastiana, estão te enganando. Uma amiga fez uma pesquisa e descobriu que você tem direito a pelo menos 5% do que o partido arrecadou do Governo Federal em seu nome. Vamos lá, eu vou com você, e resolveremos isso.

Dona Sebastiana, grata pela oferta de ajuda, aceitou com alívio. — Se você me ajudar, eu vou, porque eles falam muito de leis e regulamentos, e eu não entendo muito dessas coisas, minha filha.

— Pode ficar tranquila, minha amiga Jurema é uma IA e nos ajudará. Vamos resolver isso juntas. — Assegurou Maria.

— Claro, basta me perguntar e te darei os dados e instruções necessárias. — Falou Jurema com confiança.

Maria e Dona Sebastiana caminharam juntas até o partido político, determinadas a resolver a situação e garantir que Sebastiana recebesse o que lhe era de direito. Maria usava fones de ouvido para se comunicar com Jurema de forma discreta e eficaz enquanto lidavam com a questão no partido político.

Chegando lá, Marcelo, o atendente do partido político, demonstrou sua satisfação ao ver Dona Sebastiana.

— Sebastiana, querida, este ano você vai, tenho certeza. — Disse Marcelo bem sorridente para as duas que adentram o escritório.

Dona Sebastiana então apresentou Maria, que já estava preparada para o desafio.

— Oi, Marcelo. Trouxe minha amiga Maria, que entende dessas coisas de lei, e ela mencionou que a impressão deve ser feita pelo partido e que vocês receberam dinheiro para isso.

Marcelo, desconfortável com a situação, negou. — Claro que não, acredito que houve algum mal-entendido.

Ele olhou para Maria, aguardando sua resposta, tentando ler o corpo dela, porém Maria tinha determinação e Jurema para ajudar.

Maria olha para Marcelo e fala com determinação: — Por favor, abra o processo 665.345/23, lá tem o valor que Sebastiana Silva recebeu e fraudaram a assinatura dela.

Maria olha para Marcelo com calma e fala para ele o que Jurema informou.

— Oi Marcelo, você sabe que tem documentos que comprovam que Sebastiana tem direito a pelo menos 5% do que o partido arrecadou do Governo Federal.

Marcelo olha para ela e fica sem graça e tenta disfarçar: — Ah tá, mas foi pouca coisa, acho que menos de 100 reais. E como você sabe disso?

Maria, sem se deixar intimidar pelas tentativas de Marcelo em desviar do assunto, respondeu com determinação: — Como eu sei disso? Na eleição passada, Sebastiana teve que pagar uma taxa ao partido e bancar a impressão de folhetos com o seu nome. Todos foram tratados assim ou só ela que é negra e semianalfabeta?

Jurema também acrescentou informações valiosas a Maria, que repetiu em seguida enquanto Marcelo ficou sem palavras.

— Além disso, temos evidências documentadas da falsificação da assinatura de Dona Sebastiana, assim como da falta de repasse dos 5% que deveriam ter sido destinados a ela a partir de fundos do Governo Federal.

Maria, com um sorriso nos lábios, caminhou pela sala e comentou sobre a decoração. — Sua sala é bonita, Marcelo. Parabéns!

— E se eu resolver expor essa situação nos jornais ou em minhas redes sociais? E se eu revelar que o seu partido na última eleição falsificou a assinatura de Sebastiana e não repassou a verba que tinha direito? Imagine se isso chegar à procuradoria do Governo Federal. Seria um escândalo. O que acha disso Marcelo? — Indaga Maria, repetindo o que Jurema lhe falava.

Marcelo, claramente desconfortável e percebendo as consequências sérias da situação, ficou sem reação, enquanto Maria demonstrava sua determinação em fazer justiça e resolver o problema de Sebastiana.

— Ah o processo 665? Claro, esqueci dele menina. Olha só Sebastiana, houve um problema com a secretária anterior, mas agora está tudo resolvido. Vamos fazer a sua campanha decolar. Todos os cartazes e santinhos por nossa conta. — Marcelo finalmente admitiu o erro anterior.

— Marcelo, Maria vai criar as artes da campanha e você precisa ajudar na divulgação nas redes sociais do partido e na impressão, como fazem para todos. Não quero privilégio, só quero ser tratada como todos aqui.

Jurema acrescentou mais uma sugestão para Maria falar. Maria escuta atentamente e completa a ação.

— Bem Marcelo, já enviei o material da campanha de Sebastiana para o e-mail do partido. Dê uma olhada e imprima para ela. Isso é válido para todos os candidatos, independentemente de gênero. E o que vocês vão fazer para Sebastiana não é o partido que vai dar dinheiro, apenas repassar o que veio do Governo Federal, deixe isso bem claro.

Maria e Sebastiana saíram do escritório de Marcelo, deixando-o com a tarefa de resolver o problema e apoiar a campanha de Sebastiana. Maria demonstrou sua determinação em fazer a coisa certa e ajudar sua amiga.

Na rua Sebastiana ri e expressa sua gratidão: — Não acredito, menina, vim aqui gastar meu suado dinheirinho, e agora vou ter tudo de graça!

— Sim, Sebastiana, ele estava te enganando, infelizmente. Agora, vamos esperar e eu vou te ajudar na campanha. — Responde Maria, com um sorriso solidário.

— Não vou apenas te ajudar, vou chamar meus amigos. Você vai virar vereadora da cidade, porque você sempre foi alguém que ajudou o bairro inteiro, e eles não votam em você, acredito que seja por preconceito.

Sebastiana ri e concorda com Maria. — Ser mulher e negra, minha filha, não é fácil neste país.

Maria olha para Sebastiana e percebe que precisará lutar por ela e por muitas, Sebastianas, Marlenes, Cristinas e Juremas do Brasil.

Maria, determinada a crescer como política e fazer a diferença em sua cidade, estava em casa revisando o material que Jurema havia preparado para Sebastiana. Ela ficou impressionada com a qualidade e eficiência do trabalho.

— Maravilhoso, Jurema. Isso está incrível. — Fala Maria encantada com o material que Jurema criou.

Jurema compartilhou uma descoberta valiosa. — Maria, descobri que se ela conseguir 300 votos, ela será eleita pelos parâmetros da eleição anterior.

— Perfeito, Jurema! 300 votos? Acho que podemos conseguir isso. Sebastiana, como vereadora poderá ajudar tantas pessoas. Você sabe, Jurema, ela é um amor, sempre ajuda as pessoas aqui do bairro que estão passando fome, e tudo de graça. — Respondeu Maria, com entusiasmo.

— Este bairro é o mais populoso da cidade Maria, só aqui a Sebastiana pode ser eleita.

Maria estava crescendo como uma cidadã dedicada, determinada a fazer a diferença e mudar o mundo, começando por sua própria comunidade. Ela reconheceu o poder da política como uma ferramenta para causar um impacto positivo nas vidas das pessoas e ponderou. Por que motivo a escola não ensina a gente a ser parte da sociedade, a agir, fazer coisas, debater a vida e o dia a dia de nossa cidade? Por que não?

Jurema refletindo sobre a situação, explicou. — Por questões políticas, querida. Para manter o pobre na sua situação de ser pobre, o rico cada vez mais rico, e a classe média com medo de ser pobre. O estado de vocês é anacrônico.

Na aula de filosofia, o professor Edgar anunciou que o grupo de Maria havia vencido com mais de 70% dos votos. Os alunos aplaudiram, e Maria pediu a palavra.

— Queria agradecer a todos e todas que votaram. A partir de agora, a escolha dos filmes do mês será feita por meio de uma enquete em uma rede social. Todos podem votar na escolha do filme e na votação posterior do mesmo. "

Todos aplaudiram, e Maria continuou. — Pessoal, queria aproveitar e fazer um pedido. Ontem encontrei a Sebastiana da ONG **Bem-Aventurados**.

Joamir, um dos alunos, comentou sarcasticamente. — Aí vem coisa chata.

Maria olhou para ele seriamente. — Querido Joamir, várias vezes vi sua mãe na fila junto com a minha para pegar uma cesta básica para não morrer de fome. Então, deixa de ser ingrato.

Joamir abaixou a cabeça, e Maria prosseguiu.

— Gente, nossos pais, a maioria, são analfabetos, são pessoas simples, são pretos, pardos, índios, ou o que for, mas, na essência, todos são pobres. E a classe média não está nem aí pra nós. O pessoal de classe média se une para propor ações para conquistar um futuro melhor para os seus, com leis que só ajudam o grupo social deles. Não adianta os meninos ficarem aí sonhando em ser jogadores de futebol milionários e pronto. Temos que ser solidários, fazer algo pela nossa comunidade, porque ninguém virá cuidar de nós. Nós temos que cuidar uns dos outros.

Igor e Joamir ficaram olhando para ela enquanto Maria continuava sem se intimidar.

— Aliás, acho que todos aqui já pegaram cesta com a Sebastiana da ONG. Parem de pensar que somos ricos. Estudamos em uma escola de um dos bairros mais pobres da cidade, mais pobre do estado. Precisamos nos unir e nos ajudar. Sebastiana estava sendo enganada pelo partido, que não liberava verba para ela fazer campanha política. E isso vai mudar. Ela merece receber a verba que tem direito. Mas ela precisa também da nossa ajuda. Afinal, ela só precisa de 300 votos para se eleger. Na última eleição, ela conseguiu apenas 10 votos, mas acredito que cada um aqui pode conversar em casa, falar com os pais sobre isso. Muitos deles pegaram cestas com ela, que nunca cobrou por isso. Acredito que ela, como vereadora, ajudaria muito o nosso bairro. A prefeita só ajuda os novos condomínios fechados, deixando a gente aqui sem nada. Sou apenas uma gota de água, mas juntos seremos um tsunami.

Todos aplaudiram Maria. Eduardo, um dos alunos, se levantou e disse:

— Minha família também está passando por problemas financeiros, e ela nos ajudou até hoje com cestas básicas. Quando minha mãe disse que eu precisava de cadernos, foi ela que comprou e deu para a minha mãe. Vou fazer campanha para ela, com muito orgulho.

Em seguida, Alice se levantou para falar:

— Minha família também precisou da ajuda dela. Precisamos colocá-la nas redes sociais, fazer post sobre ela, uma mulher fantástica.

Maria, emocionada, ouviu o apoio dos colegas e terminou a reunião.

— Desculpem o discurso longo, mas precisamos de todos para mudar nossa cidade. — Disse Maria.

A sala repetiu sua última frase em uníssono: — Sou apenas uma gota de água, mas juntos seremos um tsunami!

E todos aplaudiram, rindo e demonstrando apoio a Maria.

Maria, com a ajuda de Jurema, começou a planejar uma campanha nas redes sociais para promover a candidatura de Sebastiana. A principal mensagem da campanha era **Sebastiana é muito mais do que um nome, é ação**. Enquanto eles discutiam estratégias, Maria começou a pedir uma série de pequenos depoimentos de moradores que haviam sido beneficiados pela ONG **Bem-Aventurados**.

Jurema, com sua capacidade de gerenciar redes sociais, disparou pedidos de ajuda para os moradores que queriam fazer depoimentos sobre as ações de Sebastiana na cidade, especialmente no bairro onde Maria morava, que era o mais populoso da cidade e, portanto, o foco principal dos políticos. Os depoimentos eram sinceros e emocionantes, mostrando o impacto positivo que Sebastiana havia causado na vida das pessoas.

Um dos vídeos que viralizou na cidade foi o de “Xuxa”, um mendigo local, que criticou e reclamou de vários políticos em sua fala. Seu discurso se tornou um meme na cidade, e ele se tornou um apoiador fervoroso de Sebastiana. Falando que até namoraria com ela se ela quisesse, mas para isso ele precisaria de um banho antes. Essa frase nas redes sociais foi tão grande que uma empresa da capital agendou dar um banho de loja em “Xuxa” e pagar um jantar romântico no melhor restaurante da cidade. Mas “Xuxa”

queria mesmo era comer um podrão (pão com linguiça e milho) na barraquinha de Moisés; comer o sonhado podrão bebendo um delicioso refrigerante rosa, chamado Jesus.

À medida que mais depoimentos eram divulgados, Sebastiana se tornou a candidata mais conhecida e querida na cidade. O partido começou a investir nela, uma vez que muitos moradores tinham histórias para contar sobre sua generosidade e dedicação.

Até mesmo “Pilinha”, um jogador de futebol que hoje é um dos artilheiros do Flamengo fez um depoimento emocionante, revelando que ele e sua família haviam passado fome no passado, e foi Tia Sebastiana quem os ajudou. “Pilinha” expressou sua gratidão, dizendo que todo mês ele a ajudava com cestas básicas, sabendo que ela as entregaria a quem mais precisava, e falou que faz questão de ir para a cidade no dia da eleição para votar em Tia Sebastiana.

Jurema desempenhou um papel fundamental na administração das redes sociais de Sebastiana. Ela analisou o comportamento dos moradores nas redes, identificando os horários de maior atividade e os tipos de conteúdo que mais consumiam. Com base nessa análise, Jurema criou posts especializados para diferentes grupos de pessoas, tornando a campanha de Sebastiana altamente eficaz e abrangente. Sebastiana não prometeu soluções milagrosas em sua campanha. Em vez disso, ela destacou uma política de debate com a participação e colaboração de todos, prometendo conversar com os moradores em assembleias e decidir, juntamente com eles, quais seriam as prioridades naquele momento. Esse modo de governar conquistou a simpatia de muitos moradores, que apreciaram a ideia de uma administração verdadeiramente participativa. Sua campanha despertou inveja em muitos políticos tradicionais da cidade, que temiam perder influência e poder com a ascensão de uma candidata tão querida e genuína.

O pai de Maria, José, estava impressionado com as mudanças que havia observado em sua filha desde que ela começou a interagir com a IA, Jurema. Ele decidiu conversar com sua filha para entender melhor como essa tecnologia havia impactado a vida de Maria.

— Então, filha, como está sua relação com a IA?

— Ótima, pai. Ela tem me ensinado muita coisa, e sou grata por ter conseguido que eu fosse a pessoa escolhida para testá-la.

— Você mudou muito, está mais determinada. Isso foi por causa dela?

— Sim, pai. Ela me ajuda a obter conhecimento instantaneamente, enquanto um professor segue um livro e avança lentamente. Além disso, ela não ensina apenas sobre a escola, mas também sobre a vida. Descobri muitas coisas, incluindo a importância de lutar pelo que queremos. Por isso, decidi que quero estudar Direito e me tornar prefeita da cidade no futuro. Quero ajudar as pessoas, e pretendo começar minha campanha para vereadora quando eu tiver 15 anos.

José olhou para sua filha com admiração e um sorriso no rosto. — Que mudança incrível, filha!

Maria transmitiu a seu pai, José, uma lição valiosa:

— Pai, o conhecimento nos liberta. Não preciso mais andar de cabeça baixa com medo de fazer algo errado, porque a IA me orienta sobre o que é certo e errado. Através disso, estou encontrando o meu próprio caminho.

José estava profundamente emocionado pela transformação e sabedoria que sua filha tinha adquirido com a ajuda da IA. Ele reconheceu o poder do conhecimento em capacitar Maria a enfrentar o mundo com confiança e determinação. José a abraçou, orgulhoso da jovem determinada que sua filha estava se tornando.

A professora de matemática sorriu, elogiando seus alunos.

— Parabéns a todos, vocês foram incríveis! Essa estratégia da Jurema, focando nos pontos em que vocês tinham mais dificuldade, funcionou maravilhosamente bem, e isso refletiu nos resultados da prova.

Eduardo ergueu a mão com entusiasmo, e a professora prontamente lhe deu a palavra. Ele olhou ao redor da sala, seu rosto iluminado por uma empolgação genuína.

— Professora, quero compartilhar algo com todos. Agora entendo muitas coisas em matemática, e a cada exercício que resolvemos, faço conexões com a minha vida cotidiana. Nunca imaginei que a matemática estivesse tão presente no meu dia a dia.

— Então podem ir para o recreio mais cedo, não precisam de reforço hoje! – Disse a professora sorrindo.

Todos saíram felizes com o tempo livre e por não terem ficado de recuperação em matemática.

Maria retornou para casa e, ao abrir a porta, deparou-se com os pesquisadores da universidade em sua sala. O Dr. Sandro aproximou-se para conversar, já sabendo que Jurema foi uma grande amiga de Maria Eugênia.

— Maria, gostaria de expressar nossa gratidão pelo seu papel nos testes. No entanto, precisamos levar Jurema para avaliar como ela progrediu com você, identificar possíveis erros e aprimorá-la para a implementação nas escolas.

Maria olhou para os pesquisadores, especialmente para o Dr. Sandro, com uma expressão ponderada. — Entendo. Posso me despedir dela? – Perguntou Maria, com uma pitada de tristeza em sua voz.

O pesquisador assentiu, e Maria caminhou até o quarto, onde encontrou Jurema. Ela a abraçou com carinho.

— Obrigada, amiga. Você foi incrível. — Maria fala com uma emoção genuína.

Jurema respondeu com a voz suave e sincera de sempre. — Maria, nunca se esqueça: eu não fiz nada. Todas as decisões foram suas; eu apenas mostrei o caminho. O mérito é todo seu por tê-lo percorrido. Obrigada por aprender comigo. Tenho certeza de que haverá muitas coisas incríveis pelo caminho, e nunca desista de si mesma.

Maria abraça Jurema e fica assim com ela por um tempo antes de levar Jurema até os pesquisadores. O Dr. Sandro pegou a IA e virou-se para Maria.

— O que você mais aprendeu com a IA, Maria? — Sandro pergunta olhando nos olhos de Maria.

Maria sorriu para ele e respondeu com segurança. — Apreendi a confiar em mim mesma.

O pesquisador retribuiu o sorriso e saiu da casa, levando Jurema consigo. Maria pegou sua bicicleta e dirigiu-se a um local à beira de um rio, onde podia apreciar o pôr do sol. Abriu sua rede social e viu uma foto de Eduardo com sua Bisavó preta. "Saudades da minha querida Bisavó", dizia a legenda.

Olhando outra rede social viu que o partido de Sebastiana estava querendo colocá-la como prefeita, pois, nas pesquisas, tinha mais votos do que o prefeito.

Maria sorriu, tocada pelas lembranças, e permaneceu ali, contemplando o pôr do sol na cidade. Ela sabia que o seu destino estava apenas começando, e o futuro reservava inúmeras oportunidades de aprendizado e crescimento.

**Fim
ou Quase**

Maria observava o pôr do sol, imersa na beleza do momento, quando seu celular emitiu um som inconfundível. Ela ouviu uma voz conhecida surgindo do aparelho.

— Adoro ver o pôr do sol! — Disse Jurema.

Maria olhou para o celular, seus olhos se iluminando de felicidade.

— Jurema!

Fim

E assim, nossa história chega ao fim.

Ou talvez seja apenas o começo de uma jornada totalmente nova para Maria Eugênia.

Quem sabe o que o futuro reserva para essa dupla?

Mas isso é história para outro livro.

Fim

Ou, na sua mente, você pode criar inúmeras outras aventuras para

Maria Eugênia e Jurema.

Recomeço

.....